

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE

Cristina Maria Albino Soares

INTEGRAÇÃO DAS MÍDIAS: o que mudou na prática pedagógica dos professores?

RIO DE JANEIRO
2011

Cristina Maria Albino Soares

INTEGRAÇÃO DAS MÍDIAS: o que mudou na prática pedagógica dos professores?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Adriana Mabel Fresquet

RIO DE JANEIRO
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Soares, Cristina Maria Albino.

Integração das mídias: o que mudou na prática pedagógica dos professores / Cristina Maria Albino Soares.– Rio de Janeiro: Nutes, 2011. 55 f. ; 31 cm.

Orientador: Adriana Mabel Fresquet.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) -- UFRJ, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, 2011.

Referências bibliográficas: f. 34-35.

1. Educação em Ciências e Saúde. 2. Prática de ensino. 3. Mídias na educação. 4. Professores - Formação. 5. Didática. 6. Tecnologia Educacional em Saúde - Tese. I. Fresquet, Adriana Mabel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde. III. TÍTULO.

Cristina Maria Albino Soares

INTEGRAÇÃO DAS MÍDIAS: o que mudou na prática pedagógica dos professores?

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Aprovado em _____

Prof. Dra. Adriana Mabel Fresquet – UFRJ

Prof. Dr. João Luiz Leocádio da Nova – UFRJ

Prof. Dra. Taís Rabetti Giannella – UFRJ

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me iluminou dando forças durante todo o trajeto.

A minha família, amigos e todos, que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, encorajando-me nos momentos que mais precisei.

A Prof^ª. Dr^ª. Adriana Fresquet, minha orientadora, pelo apoio e encorajamento.

A Coordenação de Especialização do Curso Mídias na Educação – da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela oportunidade.

"Intenção sem ação é ilusão.
Ouse fazer e o poder lhe será dado."
(Lair Ribeiro)

RESUMO

SOARES, Cristina Maria Albino. **Integração das Mídias:** o que mudou na prática pedagógica dos professores? Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O trabalho em questão tenta fazer uma análise da prática escolar dos professores de uma escola estadual do município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. Para esta análise, foram levados em conta dois marcos: a chegada dos computadores para equipar o laboratório de informática na escola e a expansão da oferta de cursos na área de Tecnologia Educacional. Estes cursos correspondem ao programa de capacitação proposto pelo Ministério da Educação (MEC) para professores da rede pública, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado. Nesse trabalho, procurou-se entender até onde os cursos oferecidos têm contribuído para a formação do professor e em contrapartida para a atuação dos mesmos. Se houve mudança na prática pedagógica escolar, e como de fato aconteceu a apropriação dos recursos tecnológicos na escola. Foram utilizados para esta abordagem questionários, respondidos por escrito, e entrevistas abertas. Dos sessenta questionários distribuídos, cinquenta e quatro foram respondidos. As entrevistas foram realizadas com quatro professores regentes e uma das diretoras da escola. A proposta, ao longo do trabalho, foi buscar possíveis respostas a estas indagações para melhor entender o que está acontecendo de novo na educação.

Palavras-chave: Computadores, Professores, Prática Pedagógica.

ABSTRACT

SOARES, Maria Cristina Albino. **Integrating the media:** what has changed in the teachers pedagogical practice? Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

The paper in question tries to analyze the practice of school teachers at a Public school in São Gonçalo, Rio de Janeiro. For this analysis, two points were taken into account: the arrival of computers to equip the computer lab at school and the large offer of courses in the area of educational technology. These courses match the training program proposed by The Ministry of Education, MEC, for public schools teachers, in partnership with the State Education Department. In this paper, we sought to understand how far the courses have contributed to the education of teachers in return for their action. If there was a change in teaching practice school and how the appropriation of technological resources actually happened. Questionnaires were used for this approach, which were answered in a piece of paper, besides an opened interview. A total of fifty-four questionnaires were answered from sixty ones that were given to the teachers. The director of the school and four teachers answered the interview. The proposal of this paper was to seek possible answers to these questions to better understand new actions that are happening in education.

Keywords: Computers, Teachers, Teaching Practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	16
4.2 DAS ENTREVISTAS	19
4.2.1 Formação do professor	22
4.2.2 Formação continuada	22
4.2.3 Hábitos de uso do computador e da internet	23
4.2.4 Utilização dos recursos disponíveis na escola	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

1 INTRODUÇÃO

Visando adequar a escola às novas exigências da atualidade e contribuir para formação do aluno como cidadão, muitos são os esforços por parte do poder público, dos gestores e dos educadores para uma política educacional voltada para a implantação de recursos tecnológicos nas escolas.

Essa preocupação nos remete a algumas reflexões a respeito das estratégias educacionais adotadas para aproximar a Educação do novo ritmo da sociedade atual, mais dinâmico, ágil, moderno. Nesse contexto, ao longo do trabalho aqui apresentado vou analisar tais estratégias e sua repercussão na rede estadual do município de São Gonçalo.

A implantação dos laboratórios de informática nas escolas estaduais do Rio de Janeiro fez parte, como em muitos outros estados brasileiros, da política nacional do Ministério da Educação (MEC) que começou nos anos 90. Os computadores começaram a chegar às escolas estaduais de São Gonçalo em 1998¹, através do Programa Nacional de Informática na Educação - ProInfo².

A tecnologia é uma poderosa ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, mas a simples presença dessas novas tecnologias na escola não significa mudança de comportamento na atuação do professor. Para que isso ocorra, é necessária a reconstrução da prática pedagógica desses educadores. Mas como isso ocorrerá? Como poderão incorporar essas tecnologias à sua prática pedagógica? O que sabem das potencialidades e limites desses recursos? Embora a exigência seja de uma resposta rápida, não se pode iludir e acreditar que assim será. O processo é gradativo e contínuo. Atualizar conteúdos e formas de atuação de docentes requer uma análise crítica e reflexiva de cada indivíduo.

Naquele momento, o sistema educacional brasileiro precisava preparar seus professores para a utilização daquela “novidade tecnológica”. Com esse propósito, o ProInfo, além da distribuição de computadores, teve como uma de suas frentes de trabalho a criação dos Núcleos de Tecnologia Educacionais – os NTE. Segundo a parceria firmada entre governo federal e estaduais, cada estado deveria se encarregar da criação de seus NTE. Entre outras atribuições, os profissionais lotados nos NTE seriam responsáveis por capacitar os professores da rede estadual correspondente, na utilização dos recursos tecnológicos, de forma

¹ Relatório de distribuição dos computadores – dados extraídos do Sistema de Gestão Tecnológica - SIGETEC http://sip.proinfo.mec.gov.br/consulta/consulta_programa_rel.php?popup=S&height=500&left=160&width=800

² ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação - É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica, que funciona por meio de parcerias entre o Governo Federal e Governos Estaduais e Municipais.

pedagógica. Recursos estes que, naquele primeiro momento, referiam-se, sobretudo aos computadores. Nesse sentido, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro criou uma Coordenação Estadual de Tecnologia que gerenciaria todos os núcleos existentes. Dentro do estado, cada núcleo possuiria uma área de atuação que poderia englobar mais de um município. Era o que acontecia com o município de São Gonçalo. Como não havia, neste município, um NTE, os professores dirigiam-se ao núcleo mais próximo, no caso Niterói, para se capacitarem. Tal situação permaneceu até o ano de 2004. Em 2005, foi implantado o NTE em São Gonçalo. Para a implantação deste novo núcleo, foi necessária a formação de uma equipe de profissionais para aí atuar. Nessa ocasião fui, então, convidada a fazer parte da equipe. A partir deste ano, deixei a sala de aula e passei a atuar como multiplicadora no referido núcleo e a conhecer mais de perto as propostas baseadas na inserção da tecnologia para uma mudança no modelo educacional vigente.

No Estado do Rio de Janeiro, dentre tais propostas, foram implementados diversos programas governamentais do MEC, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e Instituições de Ensino Superior que contribuíram e vêm contribuindo para a formação continuada de nossos educadores. Alguns exemplos: em 2005, a versão piloto do Programa de Formação Continuada Mídias na Educação, elaborado pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) /MEC, que no vigente ano estou concluindo com a presente pesquisa; também a partir de 2005, os cursos oferecidos pelo NTE de São Gonçalo; em 2008, o ProInfo Integrado com uma grande oferta de cursos nas modalidades presencial e a distância; entre outros.

No presente trabalho, foram levados em conta os cursos oferecidos pelo MEC, através do NTE, bem como os realizados pelo próprio núcleo, que, por abarcarem um número maior de profissionais, foram relevantes para a pesquisa. Foi considerado também o Projeto Conexão Professor³ do Governo do Estado/RJ que distribuiu em 2008, *laptops* para professores de São Gonçalo, oferecendo também, em parceria com o NTE alguns cursos para a utilização dos mesmos.

O objetivo da presente pesquisa foi verificar no período, de 2005 a 2010, com a oferta dos cursos citados nos parágrafos anteriores, somado à distribuição dos *laptops*, como estava a atuação dos professores. O fato de participarem dos cursos influenciou suas práticas escolares? Houve mudança na prática pedagógica? E se houve, como isso aconteceu? Como

³ Projeto desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, através do qual foram distribuídos, para professores, em 2008, 50 mil *laptops* com acesso à internet em banda larga.
<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=244442>

de fato sucedeu o processo de apropriação dessas tecnologias? Para essa análise, foi selecionada a Escola Estadual Nilo Peçanha⁴, unidade educacional que completou recentemente 90 anos sendo uma das mais antigas do município de São Gonçalo.

Com este estudo, busquei entender, em parte, o perfil do professor nesta era tecnológica e como está sua prática pedagógica com os recursos tecnológicos presentes em sua escola além das ações governamentais e estaduais. Será que as possibilidades oferecidas pela utilização das mídias auxiliaram alunos e professores na construção do conhecimento? Os cursos oferecidos têm contribuído para a formação do professor e em contrapartida sua atuação?

Não há aqui a pretensão de criticar uma ou outra atuação, apenas a possibilidade de refletir acerca da prática dos professores, frente às novas tecnologias e com estas análises proporcionar novas possibilidades de se repensar a atuação docente. Os grandes educadores estão aí, em nossas salas de aula, muitos atuam à sombra, eles ousam e junto com seus alunos produzem trabalhos maravilhosos. Como afirma Edgar Moran:

Os grandes educadores atraem não só pelas suas idéias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula, chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente e diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na forma de olhar, de comunicar-se, de agir. São um poço inesgotável de descobertas. (MORAN, 2008, p. 29)

⁴ Os critérios para seleção da escola serão citados mais adiante.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O tema de minha pesquisa já vem sendo estudado há algum tempo por diversos autores e estudiosos. Apoiei minha pesquisa em estudiosos como Freire, Moran, Perrenoud, Almeida, Prado, entre outros.

Gostaria de ressaltar que Universidades como Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e outras já vêm incrementando também seus cursos na área e colocado à disposição artigos e dissertações para consultas e estudos.

O uso das tecnologias como apoio na educação, se utilizado da maneira adequada, sempre visando à construção do conhecimento do aluno, como também favorecendo sua integração na sociedade, pode contribuir de maneira significativa na formação do aluno cidadão. Como bem assinalam Prado e Almeida no trecho abaixo, essa mudança no ambiente escolar cria condições para a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano:

Para compreender o cenário de possibilidades que se descortina com a integração de tecnologias no ensino e na aprendizagem, é necessário ter clareza das intenções e objetivos pedagógicos, das possíveis formas de representação do pensamento, das características de narratividade, roteirização e interação entre as tecnologias. Por conseguinte, as mudanças dos ambientes educativos com a presença de artefatos tecnológicos e linguagens próximas do universo de interesses do aluno proporcionam o acesso a uma gama diversa de manifestações de idéias, permitem a expressão do pensamento imagético e criam melhores condições para a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano e da civilização. (ALMEIDA; PRADO, 2005, p. 3)

Mas como toda mudança, tende a gerar medo ou resistência por parte das pessoas envolvidas no processo. Observa-se hoje um professor “preso” às amarras da educação tradicional, chamada por Paulo Freire de “bancária”: o professor como o único detentor do conhecimento. Como mostra Moran, na sociedade atual, esse modelo de educação vem tornando-se cada vez mais ineficaz.

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (MORAN, 2009, p.11)

O professor hoje é o mediador, o facilitador na aquisição e no desenvolvimento da aprendizagem. Não é mais o “sabe tudo”. Ainda citando Freire, a missão do professor é possibilitar a criação ou a produção do conhecimento: “Saber que ensinar não é transferir

conhecimento, mas criar as possibilidades para a própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2010, p.47)

À medida que o professor se apropriar do seu conhecimento, será possível a reconstrução de um novo paradigma. Estamos vivendo um estágio do conhecimento onde a troca de informações e o acesso a essas informações são extremamente rápidos. O professor não pode temer o novo, ensinar é um desafio, desafios exigem riscos. Inovar adequando o processo de aprendizagem, requer uma mudança de postura, requer a aceitação do novo e a rejeição de qualquer forma de discriminação:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 2010, p.35)

A chegada dos computadores e da internet à escola requer uma mudança na prática de nossos professores. É preciso que computadores e internet sejam utilizados de forma integrada com a TV, o aparelho de DVD e o material impresso que já existiam na escola. Essas mídias precisam ser utilizadas de forma integrada e não apenas como forma de dar uma roupagem nova às antigas formas de ensinar. O que Moran chama de “verniz de modernidade”. Essas tecnologias precisam ser utilizadas de forma inteligente, baseando-se na perspectiva de uma escola comprometida com sua proposta pedagógica.

Mas integrar o computador e a internet na prática pedagógica, no dia a dia da sala de aula, é um assunto que vem sendo bastante discutido. Ressalto aqui alguns pontos enfatizados por Prado:

O sentido atribuído à idéia de integração de mídias na prática pedagógica tem sido muitas vezes equivocado. O fato de utilizar diferentes mídias na prática escolar nem sempre significa integração entre as mídias e a atividade pedagógica. Integrar – no sentido de completar, de tornar inteiro – vai além de acrescentar o uso de uma mídia em uma determinada situação da prática escolar. Para que haja a integração, é necessário conhecer as especificidades dos recursos midiáticos, com vistas a incorporá-los nos objetivos didáticos do professor, de maneira que possa enriquecer com novos significados as situações de aprendizagem vivenciadas pelos alunos. (PRADO, 2005, p.9)

Além da mudança na prática pedagógica do professor, é preciso repensar os processos educacionais, para que possamos tirar proveito das novas tecnologias e sua interação à prática docente. Conforme afirma Almeida: “O computador é uma ferramenta para a construção de conhecimento que vai ajudar a pensar, ou seja, pensa-se com o computador e pensa-se sobre o pensar e sobre o aprender” (2000, p.167).

Reconstruir a prática não é simples, precisamos propiciar oportunidades para uma vivência de aprendizagem onde este professor possa refletir sobre sua caminhada.

Essa questão da reflexão sobre a prática pedagógica é também discutida por Perrenoud:

A autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma *grande capacidade de refletir em e sobre sua ação*. [...] Por isso, a figura do *profissional reflexivo* está no cerne do exercício de uma profissão, pelo menos quando a consideramos sob o ângulo da especialização e da inteligência no trabalho. (PERRENOUD, 2002, p. 13, grifos do autor)

Para que o profissional possa analisar sua prática, ele precisa estar envolvido de fato com o processo, precisa desempenhar um papel ativo na análise de sua própria prática. Para Perrenoud (2002, p. 124), “[...] a análise das práticas como procedimento de transformação é concebida como uma auto-análise.”

É imprescindível oportunizar espaços onde o professor, em cooperação com outros colegas, possa compartilhar experiências, fazer leituras, questionar e refletir sobre a nova postura exigida pela incorporação das mídias à prática docente.

Segundo Prado, no trabalho colaborativo:

Existe o confronto de idéias, que exige o exercício de relacionamento, de abertura, tolerância e a convivência com os diferentes, assim como o diálogo com o outro e consigo mesmo. É neste processo de aprender coletivamente que todos podem se fortalecer na sua singularidade. (PRADO, 2005, p.12)

Acredito que uma ótima oportunidade para o educador aprimorar, atualizar e refletir sobre sua prática são os cursos de formação continuada oferecidos, por exemplo, pelos programas governamentais do MEC, como já foi citado, pois como assinala Perrenoud:

As condições e os contextos de ensino evoluem cada vez mais depressa, fazendo com que seja impossível viver com as aquisições de uma formação inicial que rapidamente se torna obsoleta e que seja mais realista imaginar que uma formação contínua bem pensada dará novas receitas quando as antigas "não funcionarem mais"; o professor deve tornar-se alguém que concebe sua própria prática para enfrentar eficazmente a variabilidade e a transformação de suas condições de trabalho⁵. (PERRENOUD, 1999)

Quanto mais os professores investirem em sua própria formação, mais benefícios trarão para a educação: uma formação contínua em busca de uma prática reflexiva.

⁵ Disponível em http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html. Acesso em 24 junho 2010.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa foi selecionado o Colégio Estadual Nilo Peçanha, escola de Ensino Médio, localizada no bairro Zé Garoto em São Gonçalo. Para a seleção foram levados em conta os seguintes critérios:

- a) possuir Ensino Médio;
- b) possuir Orientador Tecnológico⁶;
- c) possuir um laboratório de Informática;
- d) ter recebido do MEC ou adquirido através de recursos próprios: TV, DVD, Data Show entre outros;
- e) ter recebido o Kit DVD do MEC com as mídias da TV Escola e Salto para o Futuro;
- f) possuir Internet Banda Larga.

Outros dois fatores também foram bastante relevantes para esta seleção: o referido colégio é a sede do Núcleo de Tecnologia Educacional de São Gonçalo e onde atuo desde 1998. Para o presente trabalho, minha postura foi a de pesquisadora. Baseei-me nas informações dos colegas e da diretora e procurei evitar qualquer indução na redação dos depoimentos.

Foi utilizada na presente pesquisa, tanto a abordagem qualitativa, quanto à quantitativa, visando observar a atuação dos professores para posteriormente compreender o que representaram as oportunidades de formação continuada bem como a acesso aos recursos tecnológicos disponíveis.

A escola atende apenas ao Ensino Médio e possui aproximadamente 1.365 alunos, 90 professores efetivos e cerca de 52 profissionais entre extraclasse e apoio⁷.

O procedimento utilizado para a coleta de dados foi, a princípio, o questionário, mas analisando os dados obtidos nos questionários, senti a necessidade de aprofundar-me um pouco mais, entender melhor como se dava a utilização dos computadores em trabalho dos professores com os alunos. Desse modo, decidi também realizar entrevistas com alguns professores.

Os questionários, respondidos por escrito (modelo em anexo – Anexo A) foram realizados no período de outubro a novembro de 2010 e as entrevistas (também em anexo – Anexo B) entre os meses de novembro e dezembro do mesmo ano. A entrevista com a diretora realizou-se em fevereiro de 2011. Os questionários foram sendo distribuídos à

⁶ OT – professores regentes aprovados no Curso de Formação de Orientadores Tecnológicos realizado ao longo de 2006 para atuar nas escolas da rede estadual de ensino tendo como uma de suas principais atribuições, dinamizar o processo de utilização das ferramentas tecnológicas à disposição na escola.

⁷ Dados coletadas em outubro de 2010 no Sistema de Administração e Publicação de Informações – SAPI: <http://www.cted.educacao.rj.gov.br>. Os dados foram conferidos com o Departamento Pessoal da Escola.

medida que me encontrava com os professores. Foram distribuídos sessenta questionários, havendo o retorno de cinquenta e quatro, o que significou 90%.

As entrevistas aconteceram com uma das Orientadoras Tecnológicas, três professores e uma das diretoras.

Essas entrevistas foram realizadas de forma aberta, as perguntas foram surgindo ao longo da conversa com o (a) entrevistado (a). Para estas entrevistas, a busca de critérios para a seleção dos professores baseou-se por um lado na entrevista feita pela Orientadora Tecnológica, na qual a mesma destacou os professores que mais utilizavam os recursos da escola com uma proposta dinâmica, modernizada, visando à integração entre tecnologia e processo de aprendizagem. Por outro lado, contribuiu também para essa seleção, o interesse demonstrado pelos professores na discussão do tema, bem como a prontidão dos mesmos em colaborar com a pesquisa. Foram considerados apenas os professores efetivos.

Os dados coletados geraram relatórios que possibilitaram a montagem de gráficos, através dos quais foi possível obter uma noção geral em relação à utilização dos recursos oferecidos, bem como o perfil desses profissionais.

Nas entrevistas, os professores foram identificados por suas disciplinas objetivando preservar a integridade profissional dos mesmos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Para esta coleta de dados, foram levados em conta os seguintes aspectos:

- a) a formação do professor: formação acadêmica e cursos realizados;
- b) o professor quanto ao uso do computador: possui ou não possui computador, acessa a internet, de onde e com que frequência, possui e-mail, utiliza o laboratório e/ou outros recursos tecnológicos disponíveis na escola;
- c) quanto à utilização do laboratório da escola e os recursos disponíveis: objetivos da utilização e quais recursos foram utilizados.

Dos sessenta questionários distribuídos, apenas seis não foram respondidos. No que diz respeito à formação acadêmica dos professores, dos cinquenta e quatro questionários respondidos constatou-se que cinquenta professores (56%) possuem Licenciatura Plena, trinta e dois (36%) possuem Pós-Graduação e sete (8%) também possuem título de mestre.

Em relação a outros cursos realizados, foram levados em conta os cursos de formação continuada oferecidos pelos programas governamentais do MEC em parceria com a Secretaria de Estado de Educação/RJ e Instituições de Ensino Superior, bem como os cursos oferecidos pelo NTE – São Gonçalo.

Conforme pude comprovar com o Gráfico 1, todos os professores, que responderam ao questionário, fizeram cursos relacionados à tecnologia educacional, sejam eles no NTE ou fora deste.

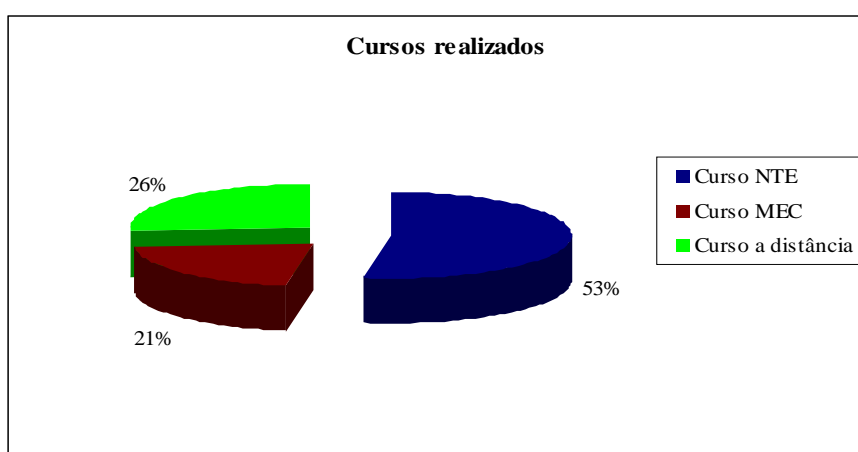


Gráfico 1

Confrontando esses dados com os critérios apresentados acima, pode-se dizer que levando em conta o investimento em suas formações, os professores que responderam a

questionário demonstraram interesse no que diz respeito ao seu aprimoramento profissional, buscando qualificar-se na utilização dos recursos tecnológicos como ferramentas pedagógicas. Levando em conta as considerações de Moran, este fato pode ser considerado um aspecto positivo para a unidade escolar, pois como assinala tal autor:

Para que uma instituição avance na utilização inovadora das tecnologias na educação é fundamental a capacitação de docentes, funcionários e alunos no domínio técnico e pedagógico. [...] A capacitação pedagógica os ajuda a encontrar pontes entre as áreas de conhecimento em que atuam e as diversas ferramentas disponíveis, tanto presenciais como virtuais. (MORAN, 2008, p. 90)

E quanto à utilização do computador, da internet? Sobre este outro aspecto considerado nos questionários, pude observar pelas conversas informais com os professores e pelos dados coletados, que todos possuem computador, a maioria, o *laptop* distribuído pelo Governo do Estado em 2008 - Projeto Conexão Professor. Todos acessam a internet. O que varia é a frequência com que o fazem. Vale ressaltar que não foi analisado aqui, o teor dessa navegação. Apenas se acessam ou não a internet. Os dados obtidos mostraram que apenas quatro professores acessam uma vez por semana, os demais, se não acessam diariamente, acessam duas ou mais vezes por semana, conforme ilustra o Gráfico 2.

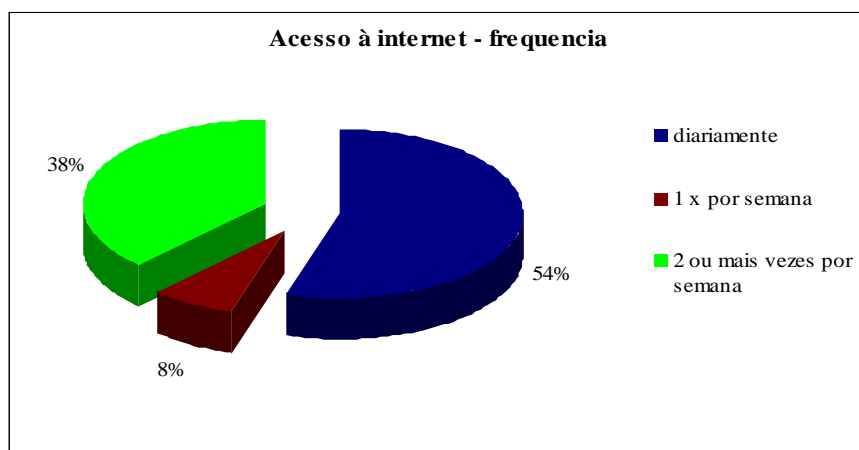


Gráfico 2

Dentre o total de professores que responderam ao questionário, apenas um informou não acessar a internet e também não possuir endereço eletrônico. Os demais todos possuem contas de e-mail.

Bem, conectados os professores estão. Com o uso das tecnologias e a rapidez das informações, não há como ficar à margem. Mas a utilização está sendo adequada? Pelas

entrevistas e questionários realizados, percebi o quanto esse contato com a Internet, no que diz respeito a um fim pedagógico, acadêmico e até mesmo profissional, mostra-se ainda precário. O acesso diário restringe-se, em sua maioria, à consulta do correio eletrônico; alguns utilizam para pesquisas relacionadas à sua disciplina, mas poucos são os que buscam a internet como meio alternativo para estudar e investir em sua formação. A maioria dos professores que procura fazer tal investimento recorre, principalmente, aos cursos presenciais. Na sala de aula, é preciso explorar as diversas possibilidades que a Internet oferece, de forma a integrar os currículos, aplicando atividades que contribuam para o aprendizado dos alunos.

Quanto à utilização dos recursos oferecidos pela escola, dos cinquenta e quatro pesquisados, quarenta e cinco (83%) utilizam os recursos. (Ver Gráfico 3)

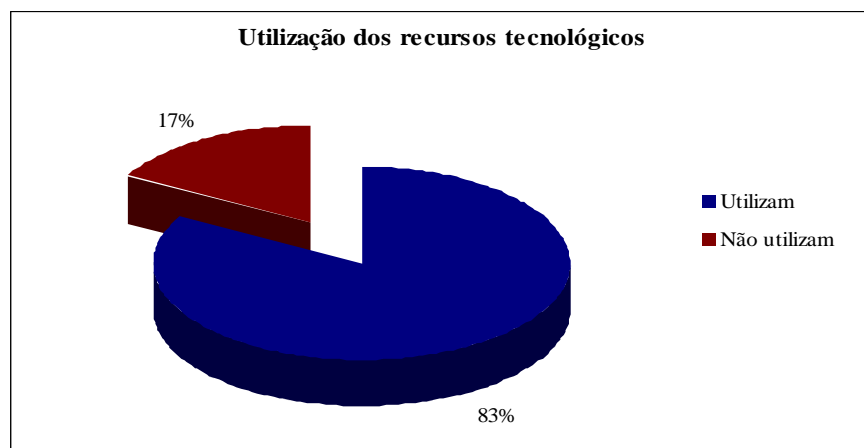


Gráfico 3

Nesta análise, procurei aprofundar-me mais um pouco a respeito da finalidade da utilização dos recursos. Constatei que trinta e dois professores utilizam em trabalho com os alunos, o que corresponde a 41% da utilização do laboratório. (Ver Gráfico 4).

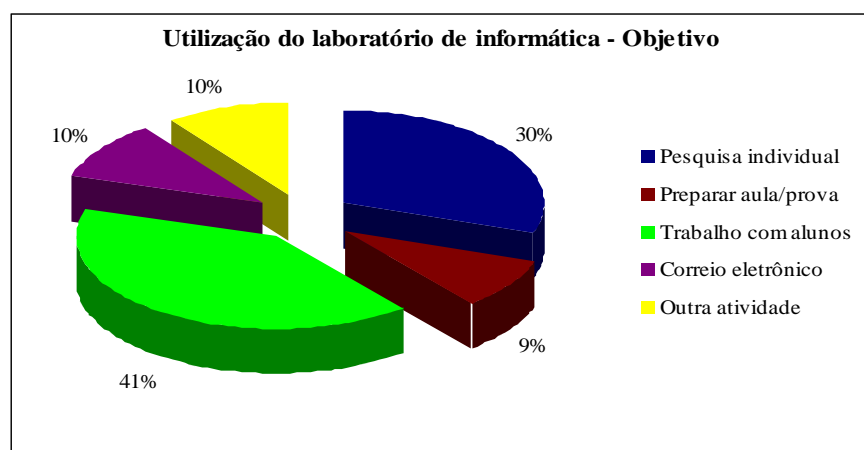


Gráfico 4

Baseando-me nas entrevistas com a Orientadora Tecnologia e a diretora, percebo que este número tende a aumentar.

Ao final do questionário, deixei um espaço para comentários (opcional). Transcrevo aqui alguns que julguei interessantes para minha pesquisa:

Professor 1 - Sinto que ainda não tenho conhecimento tecnológico suficiente para levar meus alunos constantemente ao laboratório de informática. No entanto, permito que utilizem os recursos oferecidos pela escola. Sempre que possível, peço ajuda da Orientadora Tecnológica para que nos oriente nas atividades propostas. O problema maior é que muitas vezes faltam recursos tais como: tempo, formação e informação suficientes para planejar tais atividades.

Professor 2 - Ainda não realizei atividades utilizando os recursos da escola porque não me preparei para isso, falta de tempo ou mesmo oportunidade. Quem sabe no futuro? Vejo com bons olhos o uso dos recursos tecnológicos, quero e espero que para um futuro próximo eles sejam possíveis em minhas aulas.

Professor 3 - Tenho me preocupado muito com as necessidades de utilizar a tecnologia em minhas aulas de Português, torná-las mais dinâmicas, atuais e prazerosas para o aluno, porém são muitas informações e tenho tido bastante dificuldade de guardar essas informações. O *stress*, a falta de tempo em praticar o que aprendo [...] Estou me esforçando. Um dia chego lá!!!!

Professor 4 - O Colégio Estadual Nilo Peçanha tem um grande acervo de recursos tecnológicos, o que possibilita a nós, professores, um trabalho mais amplo e completo. Mas infelizmente essa situação não é vista em todos os colégios estaduais.

Professor 5 - Os cursos que fiz no NTE e, mesmo a distância, me ajudaram muito na utilização das TIC.

A preocupação é constante, mas falta também um pouco de iniciativa do próprio professor. A vontade de mudar, de investir nele mesmo, em sua atualização. Mas será que é só isso?

4.2 DAS ENTREVISTAS

Foram realizadas cinco entrevistas:

1ª entrevista – Orientadora Tecnológica, e professora de Língua Inglesa

2ª entrevista – Professora de Sociologia

3ª entrevista – Professor de Geografia

4ª entrevista – Professora de Língua Portuguesa

5ª entrevista – Diretora da escola

Darei foco a trechos dessas entrevistas, citando apenas os aspectos que foram relevantes para a análise e obtenção dos resultados. As entrevistas podem ser lidas na íntegra nos Anexos. (Anexo B)

A primeira entrevistada foi uma das Orientadoras Tecnológicas. Dentre suas atribuições, é a responsável por dinamizar o processo de utilização das ferramentas

tecnológicas à disposição na escola, e ninguém melhor que ela para saber quem utiliza e como esses recursos são utilizados, o que foi bastante relevante para minha pesquisa. A professora possui duas matrículas na escola, uma como Orientadora Tecnológica e outra como professora de sala de aula, atuando com Língua Inglesa. Como o meu objetivo foi analisar a utilização dos recursos pelo professor, minhas perguntas foram direcionadas primeiramente à sua função como Orientadora Tecnológica.

Perguntei à professora quais eram os recursos existentes na escola, se eram utilizados e como acontecia essa utilização. Assim a professora descreveu:

São vários. No laboratório de informática contamos com 25 computadores funcionando. Temos instalado um *data-show*, adquirimos este ano um quadro interativo comprado com verba de um projeto que foi aprovado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. No auditório, contamos com uma televisão, um *data-show* instalado, um computador acoplado a esse computador, vídeo cassete, aparelho de som, um retroprojetor, quadro mural, álbuns seriados e alguns cavaletes. [...] Temos um laptop para uso dos professores. Este laptop com o *data-show* móvel é o mais utilizado pelos professores. **(Orientadora Tecnológica)**

Transcrevendo esses comentários da professora, reporte-me às palavras de Moran:

Um computador em sala de aula com projetor multimídia é um caminho necessário, embora ainda distante em muitas escolas, para oferecer condições dignas de trabalho a professores e alunos. São poucos os cursos até agora que dispõem dessa tecnologia, mas ela se torna uma realidade cada vez mais premente, se queremos educação de qualidade. Um projetor multimídia com acesso à internet permite que o professor e os alunos mostrem simulações virtuais, vídeos, *games*, materiais em CD, DVD, páginas *web* ao vivo. (MORAN, 2008, p. 95)

Nas declarações dos entrevistados, pude perceber que a escola dispõe de muitos recursos. Boa parte deles situados no laboratório de informática onde há um técnico responsável pela manutenção permanente dos computadores. A presença do técnico na escola faz parte de uma proposta da Secretaria de Estado de Educação, que designou por meio da contratação de uma empresa terceirizada, um técnico para cada escola estadual. Este técnico tem como atribuição fazer a manutenção preventiva dos computadores do laboratório de informática e de outras dependências da escola. O técnico também está incumbido de reparar problemas nos *laptops* distribuídos aos professores pelo Programa Conexão Professor.

Os professores têm os computadores à disposição, um suporte técnico sempre presente, mas e a orientação pedagógica para esta utilização, há na escola? Além de uma coordenadora pedagógica, os professores podem contar com a Orientadora Tecnológica e com o NTE, pois a escola é sede do núcleo.

Quanto ao tipo de trabalho que os professores realizam no laboratório com seus alunos, pude notar, através do relato da Orientadora Tecnológica, que varia de pesquisas relacionadas ao conteúdo estudado à confecção de *blogs*⁸ e algumas vezes, vídeos. São também utilizados alguns *softwares*, como, por exemplo, o *Geogebra* - *software* gratuito para o ensino e aprendizagem da Matemática e o *Hot Potatoes*⁹ - *software* educacional composto por um pacote de seis ferramentas que possibilitam a elaboração de atividades dinâmicas através da inserção de textos, perguntas, respostas, figuras, gratuito, desde que utilizado para fins pedagógicos.

Perguntei-lhe como via esta utilização no decorrer desses quatro anos em que atua como Orientadora Tecnológica na unidade escolar. Ela falou com entusiasmo: “Este ano batemos o *record* de professores utilizando esses recursos.” Ela destacou também que a utilização pelos alunos, já era intensa: “o uso para pesquisas é intenso há muito tempo”.

A Orientadora Tecnológica afirmou que este acréscimo na utilização dos recursos por parte dos professores se deve:

A vários fatores. Hoje em dia é difícil um professor, seja ele de que disciplina for e que segmento trabalhar, ignorar o uso das mídias, porque o aluno já vem de casa com vários aparelhos eletrônicos, dominando todos aqueles aparelhos e o professor, se não acompanhar, não entende nem o que aluno está falando [...] São vários os cursos que o Estado oferece [...]. O caso, por exemplo, do Conexão Educação¹⁰, tem obrigado alguns professores que não gostam, que se recusam, a ter que usar o computador nem que seja para lançar notas, para lançar a pauta eletrônica. Então percebo que mesmo aqueles professores que mais demoraram para se preparar para essa mudança toda agora estão aos poucos buscando os cursos. **(Orientadora Tecnológica)**

Quando indagada sobre como estava a prática dos professores com a utilização das mídias, de maneira bem franca respondeu-me:

Para alguns professores só está sofisticando o que já tinha, é a mesma metodologia, mesma aula, mesma filosofia. O professor encara a educação da mesma forma, só que agora está usando uma televisão, um DVD, um computador, mas alguns outros professores têm feito uso de muito boa qualidade desse material. **(Orientadora Tecnológica)**

⁸ Segundo Suzana Gutierrez, da UFRS, *blogs* “São aplicativos fáceis de usar, que promovem o exercício da expressão criadora, do diálogo entre textos, da colaboração”. Ainda em outro momento, “os *blogs* registram a concepção do projeto e os detalhes de todas as suas fases, o que incentiva e facilita os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares. (apud MORAN, 2008, p. 108 e 109)

⁹ O Hotpotatoes é gratuito para educação, tem, no entanto, de se fazer o registro do programa, para isso, basta preencher o formulário no site do programa.

¹⁰ **Conexão Educação** é uma iniciativa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro que tem como objetivo aperfeiçoar processos, permitindo que diretores, professores e funcionários das unidades escolares tenham mais tempo disponível para a garantia de uma educação de melhor qualidade. Disponível em <http://www.educacao.rj.gov.br/index5.aspx?tipo=secao&idsecao=317&spid=8> Acesso em 25/02/2011.

Uma das atribuições da Orientadora Tecnológica é acompanhar os professores, com suas turmas, no laboratório de informática da escola, ela então, presencia e participa destas aulas. Conforme ela mesma mencionou, através de sua observação, alguns professores apenas utilizam novas tecnologias para reproduzir aulas tradicionais. Podem utilizar, por exemplo, ao invés da TV e do videocassete, o computador e mostrar determinados vídeos até mesmo “baixados” da internet para que a turma assista. Estão então, utilizando tecnologias mais modernas. Mas e depois? Será que há alguma reflexão? Ou são as novas tecnologias com velhas e tradicionais metodologias? Quando mencionou em outro momento que os professores bateram o *record* de utilização, questiono a qualidade desta utilização. Como foi? Será que o que estamos tendo é só quantidade e não qualidade? Em outro momento ela cita que alguns fazem um uso de boa qualidade desses recursos. Então, a qualidade não está presente sempre.

Baseando-me na conversa informal com a Orientadora Tecnológica e alguns professores durante os intervalos, acrescidos da entrevista à diretora, pude perceber que alguns profissionais se destacavam na utilização dos recursos disponíveis na escola. Aqueles que a Orientadora Tecnológica comentou que “têm feito uso de muito boa qualidade”. Vale então destacar o trabalho destes profissionais. Busquei-os para que fossem realizadas as entrevistas.

Para melhor analisar os dados coletados nessas entrevistas, dividi-os em categorias:

4.2.1 Formação do Professor

A professora de Língua Portuguesa atua no Colégio Estadual Nilo Peçanha desde 1985, enquanto os professores de Sociologia e Geografia desde 1991 e a Orientadora Tecnológica, também professora de Língua Inglesa, desde 1998. Com exceção da professora de Língua Portuguesa, todos têm duas matrículas e atuam com as mesmas no colégio. São professores formados entre os anos 80 e 90, e, na sua maioria, no Curso Normal. Completaram a Graduação e logo após realizaram as Especializações em suas áreas de atuação.

4.2.2 Formação continuada

Dos professores entrevistados, todos fizeram cursos no NTE de São Gonçalo. A única que não tem curso de formação continuada na área de Informática aplicada à Educação é a

professora de Sociologia. Quando a perguntei se já realizou algum curso nesta área ela respondeu: “Não, informática é muito difícil. Acho bastante complicada. Estou sempre pedindo ajuda aos meus colegas do Núcleo de Tecnologia, aos colegas do laboratório de informática, aos meus alunos”. Já os professores de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Geografia são bastante integrados com as mudanças tecnológicas e acompanham bem de perto a chegada desses recursos à escola. Realizaram vários cursos no NTE e fora deste. A professora de Língua Portuguesa e o professor de Geografia possuem Pós-Graduação recente na área da Informática voltada para a Educação, experiências estas a que pude ter acesso e utilizar também para o presente trabalho. O curso realizado pela professora de Língua Portuguesa foi o **Tecnologias em Educação**, promovido pelo Ministério da Educação em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O professor de Geografia, depois de concluído seu curso de Pós-Graduação, Informática Aplicada à Educação, trabalhou por quatro anos no NTE, adquirindo bastante experiência para seu trabalho em sala de aula com os alunos.

4.2.3 Hábitos de uso do computador e da internet

Quanto ao uso do computador e da internet, os entrevistados possuem computador em casa e acessam a internet em casa e no colégio. Todos possuem e-mail. O diferencial está na frequência com que o fazem: os professores de Língua Portuguesa, Geografia e Língua Inglesa, acessam diariamente, enquanto a professora de Sociologia acessa duas ou mais vezes na semana. Para ela, essa questão das tecnologias, da informática em si, conforme já citei acima, é bastante complexa.

4.2.4 Utilização dos recursos disponíveis na escola

Os professores entrevistados utilizam bastante todos os recursos disponíveis na escola. O professor de Geografia, no colégio há vinte anos, sempre participa ativamente de todas as “novidades” em que a escola está inserida. Já estava na escola quando os computadores chegaram em 1998 e participou da inauguração do laboratório em 1999.

Fala com orgulho do primeiro trabalho realizado com os alunos no laboratório da escola, na época, ano 2000, o espaço era ainda bem pequeno.

O primeiro trabalho que fizemos com os alunos utilizando o laboratório foi o projeto Desvendando São Gonçalo era um grupo de três professores com turmas do 3º ano

[...] Era uma pesquisa de campo onde teriam que buscar aspectos diversos dos bairros, tanto políticos econômicos como social, incluindo fotos e entrevistas. Utilizamos o laboratório diversas vezes, tanto para a pesquisa na Internet, que na época era a discada, quanto para digitalizar fotos e redigir os textos e mais à frente para fazer os gráficos. (**Professor de Geografia**)

Ele afirma que a utilização do laboratório de informática só vem aumentando e atribui a isso tanto a mudança na política de utilização quanto ao espaço que aumentou:

Já mudou bastante. Tivemos mais professores fazendo as capacitações e também a mudança da própria política de só poder utilizar quem tivesse feito os cursos no NTE, deixou de existir, hoje qualquer professor que queira utilizar, conheça e sintase à vontade com as máquinas pode fazê-lo, sem ter que ter passado pelo NTE. Existe uma dinâmica bem maior. Antes também o laboratório contava apenas com 10 máquinas, o espaço era bem pequeno, hoje contamos com um espaço bem maior e o número de máquinas também aumentou. Contamos com 25 máquinas, não me recordo no momento. Dá para levarmos a turma toda. (**Professor de Geografia**)

O professor fez um comentário bem pertinente. Ele mencionou que o fato de serem pedidas determinadas atividades para o aluno e ele realizar utilizando diversos recursos, obriga o professor a se atualizar, a se interar:

[...] E hoje também a questão de utilizar o data-show com o laptop para apresentação de trabalhos tem acontecido bastante em função da própria produção dos alunos, o professor propõe um trabalho e o aluno acaba produzindo nessas mídias, o que leva o professor a buscar para poder utilizar. (**Professor de Geografia**)

Como já foi citado anteriormente na fala da Orientadora Tecnológica, o aluno já vem de casa dominando seus aparelhos eletrônicos e se o professor não acompanhar, não conseguirá entender:

Hoje em dia é difícil um professor, seja ele de que disciplina for e que segmento trabalhar, ignorar o uso das mídias, porque o aluno já vem de casa com vários aparelhos eletrônicos, dominando todos aqueles aparelhos e o professor, se não acompanhar, não entende nem o que aluno está falando. (**Orientadora Tecnológica**)

O professor participou de diversos cursos na área de Informática aplicada à Educação e um dos que mais lhe foi útil, foi o de *WebQuest*¹¹, pois desde que aprendeu esta metodologia, vem utilizando em suas aulas. Atualmente, com a possibilidade do rápido acesso à informação e a conseqüente construção de novos conhecimentos, encontrou na *WebQuest* um meio de realizar algo diferente e através deste meio favorecer o processo de ensino e aprendizagem.

¹¹ *WebQuest* é uma metodologia que direciona o trabalho de pesquisa na internet, estimulando o pensamento crítico do aluno.

Segundo ele, na produção de uma *WebQuest*, através da interação e da forma colaborativa com que alunos e professores trabalham, são criadas condições para que a aprendizagem ocorra.

A professora de Língua Portuguesa, sempre atualizada e informada em relação aos cursos de Formação Continuada, deixa transparecer em sua fala o quanto os cursos realizados proporcionaram mudança de postura em relação à sua prática em sala de aula: “Ao organizar projetos aqui na escola, com os alunos, os cursos proporcionaram-me novas formas de agir e pensar.” Está sempre interagindo com colegas de disciplina na elaboração dos projetos anuais. A forma de interação escolhida para trabalhar com os alunos é o *Blog*. A professora conheceu as possibilidades do *Blog* no processo de ensino e aprendizagem nos cursos realizados no NTE e principalmente no curso de Especialização que realizou na PUC-RJ.

Na escola, onde trabalha com turmas do 3º ano, cada turma possui o seu *Blog*. Os *Blogs* são sempre monitorados pela professora, que faz comentários e dá sugestões. Foi escolhido o *Blog*, porque segundo ela, os alunos “sentem que há um espaço novo onde podem criar, lançar suas ideias, textos, o que quiserem, sentem-se mais motivados. De início, parecem desinteressados, mas com o decorrer do tempo, [...] sinto que o rendimento melhora.”

Reportando-me novamente à questão dos projetos, quis saber se havia algum que gostaria de destacar. Ela destacou os projetos anuais da área de linguagem, em especial o de Tom Jobim, “os alunos que não tinham conhecimento da obra de Tom Jobim, se envolveram e se apaixonaram pelo personagem, pela pessoa do Tom Jobim”. Muitas mídias foram utilizadas e de forma integrada. “Foram projetos bem ricos, envolveram várias mídias, houve muita interação entre nós professores e alunos para que se chegasse ao trabalho final”. A proposta da professora nesse tipo de atividade é, conforme assinala Fischer, investir na ampliação de repertório de seus alunos. Os alunos interagem com músicas, poesias de autores consagrados e trazem estas reflexões para o seu dia a dia, para a sua realidade.

Investir na ampliação de repertório como proposta educacional tem esse sentido: ampliar as possibilidades de estabelecer relações, de ligar um trecho de Chico Buarque e uma cena de Pedro Almodóvar, por exemplo; ou versos de Cecília Meirelles a uma cena de desenho animado fora da grande mídia; [...] produzir um novo roteiro para os mesmos personagens de uma telenovela, quem sabe apoiando-se na leitura de um conto de Guimarães Rosa ou de Machado de Assis. Por que não? As possibilidades são infinitas. E podem propiciar que nós, professores, alunos e alunas ousemos criar um saber-fazer, como ferramentas diferenciadas para pensar de outro modo o presente que vivemos. (FISCHER, 2007, p. 298)

Voltando a citar a entrevista com a Orientadora Tecnológica, minha primeira entrevistada, o que mais me sensibilizou em seu discurso foi quando se referiu à sua atuação enquanto professora de Língua Inglesa. O entusiasmo com que falava dos projetos realizados

com os alunos, em especial o Projeto Mutidisciplinar, **Conhecendo o Rio de Janeiro** realizado em 2010. O projeto envolveu sete turmas e professores de diversas disciplinas – “aceitaram o desafio do projeto apenas os professores mais corajosos”, disse ela:

Nós, professores do projeto, ficamos mais unidos, nos conhecemos melhor com esse trabalho, pois são poucas as oportunidades no Estado de os professores se reunirem, planejarem, pedagogicamente, exatamente como deveria ser. (**Orientadora Tecnológica**)

Falar de afetividade na era tecnológica parece utopia, mas Moran em seu discurso já alertava:

A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades. (MORAN, 2008, p. 56)

No projeto citado pela professora, as turmas foram divididas em grupo e foram a campo para suas pesquisas. Depois da coleta de dados, os resultados foram registrados em *Blogs*¹². Assim como a professora de Língua Portuguesa, a Orientadora Tecnológica conheceu o *Blog* nos cursos realizados e aprofundou seus estudos em pesquisas na área por acreditar nas potencialidades deste aplicativo como meio de contribuir para o aprendizado do aluno.

Nesse mesmo projeto, os alunos trabalharam fotografia, vídeo, fizeram relatórios por escrito, aprenderam a produzir um *blog*. Esta parte do trabalho foi muito interessante, pois, como relatado pela professora, houve bastante interação e o aprendizado foi compartilhado. Os alunos e os professores aprenderam de maneira colaborativa: aqueles que já sabiam como produzir um *blog*, aprenderam a compartilhar com outro autor, aprenderam a fazer um *blog* mais formal, com outro conteúdo, outra visão.

Na apresentação dos resultados, o aluno ficava livre para utilizar a mídia que desejasse. Poderiam utilizar apresentação de slides, vídeos, exposição de fotos, maquetes e o que mais tivessem criatividade para utilizar. Os professores, conforme outro professor, que também participou do projeto citou, são a todo momento instigados a mexer, a aprender, a utilizar, pois são incentivados pelos próprios alunos.

Enquanto as professoras de Língua Portuguesa e Língua Inglesa (Orientadora Tecnológica) optam por trabalhar o *Blog* como ferramenta pedagógica na construção do conhecimento e na aprendizagem colaborativa, a professora de Sociologia prefere a

¹² Blog do projeto de 2010 <http://projetonilo.blogspot.com>. O projeto continuará em 2011: Blog do projeto de 2011 <http://projetonilo2011.blogspot.com>.

elaboração de vídeos. Conheceu as possibilidades de integração do vídeo no processo de ensino e aprendizagem durante a oficina Vídeo-Interatividade do Programa Cinema para Todos¹³ que participou com os alunos.

Diferente dos professores citados, sempre buscou trabalhar com os alunos não apenas na sala de aula, mas também fora dos muros escolares. Organiza passeios a teatros, museus, centros culturais, sempre buscando adequar o conteúdo ensinado em sala de aula à realidade lá fora. Nas palavras da professora, recordo-me mais uma vez das leituras de Moran:

É preciso sensibilizar e capacitar os professores para ações inovadoras, para tomar mais a iniciativa, para explorar novas possibilidades nas suas atividades didáticas, na sua carreira, na sua vida. Sensibilizar os alunos para desenvolver novas atividades na sala de aula, no laboratório, em ambientes virtuais, mantendo vínculos direto com a prática. Sair mais da sala de aula para inserir-se no cotidiano do bairro, no conhecimento e no contato com as pessoas, prédios, grupos, instituições próximas ou que tenham a ver com a área de conhecimento escolhida. (MORAN, 2008, p. 65)

O interessante em sua entrevista, que contrasta com os demais professores entrevistados e que eu gostaria de ressaltar, é o fato de que a referida professora só realizou um curso no NTE, para ela, conforme já citei, a informática é bastante complicada, mas nem por isso se inibe no que diz respeito à utilização de outras tecnologias com os alunos:

[...] acho um trabalho complicado, apesar de não abrir mão de trabalhar com estes meios de informação, porque é uma coisa que os alunos usam, mesmo que não dominem plenamente, mas usam e aí a gente aprende a trabalhar de uma outra maneira e eles ficam fascinados. (**Professora de Sociologia**)

A professora trabalhou um curta metragem com um pequeno grupo de alunos e está sempre incentivando os alunos a buscar cada vez mais outros desafios. Ela também se sente desafiada à medida que aprende junto com seus alunos. Nessa experiência com a produção de um curta, ela transcreveu assim a fala de um de seus alunos: “é o meu trabalho, é o meu texto, é a minha forma de ver, é a minha verdade”. E concluiu: “Isso reflete um EU diferenciado”. Essas palavras remetem-me a um trecho do Programa Salto para o Futuro, onde Prado (2005) ressalta que o trabalho com o vídeo pode ser desenvolvido de modo a oferecer para o aluno um contexto rico de aprendizagem possibilitando-o sentir-se autor-produtor de ideias. A produção de vídeo requer um trabalho em conjunto, um trabalho de cooperação, e a professora menciona isso em sua fala: “[...] quem sabe um pouco, acrescenta no outro, vai

¹³ Cinema para Todos - um programa do plano estratégico do Governo do Estado do Rio de Janeiro, uma realização da Secretaria de Estado de Cultura e da Secretaria de Estado de Educação em parceria com o ICEM – Instituto Cultura e Movimento, as empresas distribuidoras, o Sindicato das Empresas Exibidoras do Estado do Rio de Janeiro e o Sindicato das Empresas Exibidoras do Município do Rio de Janeiro: <http://www.cinemaparatodos.rj.gov.br>

somando, vai trazendo. Existe um trabalho em equipe. Isso é interessante, porque um vai aprendendo com o outro”. Bem exemplificado também no trecho abaixo:

O professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador. (MORAN, 2009, p.30)

Em um dos trabalhos realizados pela professora de Sociologia, por exemplo, os alunos foram à Biblioteca Nacional, pesquisaram, buscaram as informações que precisavam para a realização dos trabalhos. Eram novas descobertas, momentos de criação, criatividade na produção de Curta Metragem. Era a valorização do próprio trabalho por eles e pelos professores, a auto-estima: “É a minha voz, é a minha vez, é o meu trabalho.” Na elaboração do vídeo, a utilização do computador e da internet propiciou um ambiente de interação e criatividade. O importante não foi a tecnologia em si, mas a maneira como foi utilizada.

Um outro exemplo de trabalho que também mostrou como alunos, a partir da utilização das mídias, fazem suas associações e desenvolvem suas habilidades, foi o vídeo realizado pelos alunos, já citado anteriormente, durante a oficina Vídeo-Interatividade do Programa Cinema para Todos, a “Guernica Gonçalense”. Neste vídeo, os alunos, junto com a professora de Sociologia e outra professora, relacionam uma catástrofe ambiental, as chuvas de abril de 2010¹⁴, aos quadros “Guernica” de Pablo Picasso e “O Grito”, de Edvard Munch. Embora a professora seja resistente em relação à realização de cursos para sua “inclusão digital”, os trabalhos realizados com os alunos, utilizando outras tecnologias, são surpreendentes. O resultado do trabalho foi uma reflexão a partir da experiência dos alunos. Retrataram a própria realidade e a relacionaram à Literatura. As mídias foram incorporadas aos objetivos didáticos do professor, possibilitando o enriquecimento de novas aprendizagens vivenciadas pelos alunos.

Perguntei aos professores se havia estímulo por conta da escola para que se utilizem os recursos disponíveis. Todos foram unânimes, além do estímulo por parte da direção há também a presença da Orientadora Tecnológica, oferecendo cursos e se colocando à disposição, além da presença de um técnico, sempre presente no laboratório da escola, responsável pela manutenção das máquinas. O que facilita e muito o trabalho do professor.

Com a entrevista de uma das diretoras, pude fechar minha pesquisa. Fechar? Não! Abrir outras portas.

¹⁴ Em abril de 2010, fortes chuvas atingiram o município de São Gonçalo causando enchentes em diversos bairros.

Na escola, como professora docente desde 1996, a professora, então, diretora pôde presenciar a chegada dos computadores à escola em 1998 e acompanhou também a inauguração do laboratório em 1999. Deixou claro que naquela época o laboratório não era utilizado. Só passou a funcionar em 2000 com um grupo quatro de professores. Este mesmo grupo em 2001 elaborou o Projeto **Desvendando São Gonçalo**. Dessa data até 2004 a utilização ainda era bem tímida.

Era sempre o mesmo grupo que utilizava, e quando utilizava, era com os alunos. O laboratório contava com dez máquinas e seu o espaço era bem pequeno. Os recursos disponíveis na época, início dos anos 2000, eram: TV, videocassete, aparelho de som e retroprojetor.

Em 2005, esta professora assumiu a direção da escola. Nesse mesmo ano, o NTE foi implantado em São Gonçalo e a sede passou a ser o Colégio Estadual Nilo Peçanha. Na época, como ainda hoje, novos recursos eram disponibilizados pelo Governo Federal.

Perguntei-lhe se seria possível fazer um paralelo entre a utilização anterior a 2005 e a de agora, pós 2005. Ela ponderou:

De 2006 para cá muitos computadores chegaram. Nós tínhamos 10 e hoje temos 25. A utilização em números foi aumentando consideravelmente. Diríamos está de 40 a 50%. (**Diretora da escola**)

O que confirma a opinião dos professores entrevistados, pois segundo eles, houve um aumento na utilização dos recursos e em especial dos computadores do laboratório de informática.

Para a professora de Língua Portuguesa, esse aumento foi bem gradativo:

Olha, aos pouquinhos, aos pouquinhos, mas eu vejo sim uma modificação. No início assustou. As mídias chegaram à escola, a maioria dos professores mantiveram-se neutros, mas já houve uma modificação, hoje os professores estão participando mais, há sempre aqueles que receiam, que se negam, mas está caminhando. (**Professora de Língua Inglesa**)

Como a diretora citou a questão da quantidade, questionei-lhe sobre a qualidade desses trabalhos.

[...] cresceu muito, os alunos se desenvolveram bastante. [...] Os que mais se sobressaem com seus trabalhos utilizando as mídias são os professores de Geografia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Sociologia e Educação Artística. Diante desses trabalhos, o aluno passa a se interessar mais pela disciplina. Você entra no laboratório durante essas aulas e não parecem alunos, eles ficam fissurados, têm muito interesse. Acredito e percebo que ajudou bastante o desenvolvimento desses alunos. (**Diretora da escola**)

As entrevistas auxiliaram-me bastante e sou bastante grata aos professores. Mas os questionamentos não param, conforme já citei anteriormente. Novas portas estão se abrindo para novas pesquisas e novos estudos. Analisar a questão das tecnologias de forma qualitativa na prática pedagógica dos professores é um processo complexo e demorado:

O domínio pedagógico das tecnologias na escola é complexo e demorado. Os educadores costumam começar utilizando-as para melhorar o desempenho dentro dos padrões existentes. Mais tarde, animam-se a realizar algumas mudanças pontuais e, só depois de alguns anos, é que educadores e instituições são capazes de propor inovações, mudanças mais profundas em relação ao que vinham fazendo até então. Não basta ter acesso à tecnologia para ter domínio pedagógico. Há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos. (MORAN, 2008, p. 90)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema educacional exige uma mudança profunda, e a simples inserção das tecnologias na sala de aula não é garantia de que haja uma mudança. Representa sim, um avanço histórico inegável, mas deve ser aprofundada. O nosso sistema educacional precisa ser reconfigurado e para que isso ocorra é necessária a transformação da prática de nossos professores. E concomitante a esta transformação, nossas políticas educacionais precisam ser coerentes com as inovações sofridas pela sociedade. “Não podemos continuar pensando em formar professores com teorias pedagógicas que se superam quotidianamente, centradas em princípios totalmente incompatíveis com o momento histórico”. (CUNHA; SILVA, 2007, p. 26) Não cabe nos projetos lançados e implementados pelas ações governamentais o véu da “inovação” tecnológica, o “verniz” da modernidade.

As mudanças, para que sejam duradouras, precisam estar voltadas para a formação do professor. E o professor não está sozinho, segundo Moran, “todos somos responsáveis pelas mudanças” e ainda:

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos. (MORAN, 2008, p.28)

Não podemos desvincular o progresso da escola da profissionalização de nossos professores: “o progresso da escola é indissociável de uma crescente profissionalização dos professores” (PERRENOUD, 2002, p.193).

Pelo conjunto de dados coletados na presente pesquisa, pude constatar que os professores entrevistados tiveram suas habilitações concluídas entre os anos de 1985 e 1996, o que nos leva a crer que foram formados segundo o modelo tradicional de ensino, ou seja, a formação alicerçada na transferência de conhecimentos. Mas não se acomodaram, fizeram seus cursos de Pós-Graduação e mantêm-se atualizados com a formação continuada. Mas não podemos generalizar, assim como alguns profissionais investem em suas formações, outros se abstêm. As justificativas são as mais variáveis possíveis: a falta de tempo, o *stress*, entre outros (comentários dos professores nos questionários).

No entanto, mesmo diante de algumas dificuldades apresentadas pelos professores entrevistados para justificar a falta de utilização dos recursos tecnológicos da escola, considero positivos os resultados observados ao longo da pesquisa. Embora tenhamos que

reconhecer que ainda há muito que fazer, vale destacar que os primeiros passos já foram dados. Muito se tem feito em prol das diversas possibilidades de uso desses recursos na escola: há uma Orientadora Tecnológica empenhada, um técnico disponível no laboratório para quaisquer problemas com as máquinas¹⁵, além do fato de a escola ser sede do NTE. Outro fato que gostaria de ressaltar é que a direção da escola além de apoiar os professores também os incentiva a utilizarem os recursos. Conforme citou a Orientadora Tecnológica da escola, todos os recursos são disponibilizados para os professores, não há cerceamento algum quanto ao uso de um ou outro aparelho.

No entanto, as mudanças, para que ocorram na prática escolar, dependem não só da formação do professor e do apoio de uma boa gestão, como também da valorização do professor. Planos de Carreira precisam ser implementados de maneira que se valorize o professor e sua formação, com uma remuneração digna e situações adequadas de trabalho. Muito ainda precisa ser feito, mas “um bom educador, faz a diferença” (Moran, 2009, p.31).

Comparando os dados coletados com os questionários, somado às categorias elencadas com a fala dos professores e a entrevista com a diretora, pude constatar, na realidade da escola, que os investimentos, a níveis federal e estadual e mesmo da própria comunidade escolar não foram realizados em vão. A escola possui aproximadamente noventa professores efetivos, cinquenta e quatro responderam ao questionário e destes trinta e dois possuem Pós-Graduação, nas mais variadas áreas.

Todos que responderam ao questionário fizeram algum tipo de curso relacionado à informática, não necessariamente aplicada à educação. Mas percebem que é necessário atualizar-se nesta área. Dos cinquenta e quatro professores, quarenta e cinco (83 %) utilizam os recursos tecnológicos existentes na escola, embora nem todos com o cunho pedagógico desejado.

Percebo, portanto que é imprescindível o investimento humano nestas questões. Se o professor não se mostrar “afim”, entusiasmado, disposto a ousar, nada poderá ser realizado. Recordo-me agora da fala de uma das professoras na entrevista:

Acho muito gratificante o professor ter contato com esses cursos, com essas mídias [...] ele não fica em um canto encolhido, ele ousa e com isso ele consegue passar essa ousadia para seus alunos. Ele passa a sentir que há um espaço novo, maior, em que ele pode criar e colocar suas ideias. Acho isso bastante interessante. (Professora de Língua Portuguesa)

¹⁵ Exceto quando se trata da compra de materiais para a manutenção, pois tanto a diretora quanto a OT mencionaram em suas entrevistas que sentem falta de recursos financeiros voltados para esta finalidade.

Para que haja a integração das mídias, é necessário que as mesmas sejam utilizadas, visando ao aprendizado do aluno. É, conforme Prado, necessário verificar que possibilidades foram favorecidas pelo uso dessas mídias.

Os cursos oferecidos aos professores, pelo que pude perceber, proporcionaram uma mudança na postura destes frente às tecnologias oferecidas na escola. O uso *Blog*, da *WebQuest*, e da produção de vídeos, metodologias e ou estratégias utilizadas pelos professores entrevistados em suas aulas, foi possível porque conheceram e se aprofundaram nos conteúdos a partir de estudos realizados nos cursos oferecidos.

Na produção do vídeo, citado pela professora de Sociologia, na construção do *Blog*, pelas professoras de Língua Portuguesa e Língua Inglesa e na produção da *WebQuest*, pelo professor de Geografia, pude perceber que houve a mediação do professor e foram criadas situações que favoreceram a construção do conhecimento dos alunos.

Alguns professores ousam, e isso é muito gratificante. Os professores entrevistados mostraram, através de suas falas, que estão sempre em busca do novo, buscam aprender sempre mais.

E será dessa forma, como bem assinala Moran que “Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória, que dê lugar a novas descobertas e a novas sínteses” (2008, p. 28), que posso constatar que cada vez mais é necessário oferecer oportunidades para que nosso professor invista em sua formação, possibilitando ao aluno e a si mesmo uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação - MEC, v. 2, 2000.

_____; PRADO, Maria Elizabett Brisola Brito de. **Integração Tecnológica, Linguagem e Representação**. Boletim 5 do Salto para o Futuro. Série Integração de tecnologias, linguagens e representações. TV-ESCOLA-SEED-MEC, 2005. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145723IntegracaoTec.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

BRASÍLIA. Ministério da Educação. **Plano de metas compromisso todos pela educação**, Guia de Programas. Brasília, 2007.

CUNHA, Denise Santos Muniz da; SILVA, Ubirahyra Guimarães da. **A prática do professor com o uso das mídias: o que pode mudar?** 2007. Monografia (Especialização em Tecnologias na Educação) - Curso de Especialização em Tecnologias em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 298, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2011.

FREITAS, Adriano Vargas. **Do Giz ao Laptop: Análise das possíveis mudanças na práxis pedagógica dos docentes estaduais do Rio de Janeiro incluídos no Projeto Conexão Professor**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2008.

FREITAS, G. Escolas de São Gonçalo e Niterói recebem laptops. **Subsecretaria de Comunicação Social**, RJ, fev. 2008. Disponível em <<http://www.imprensa.rj.gov.br>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 41^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MORAN, José Manoel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 3^a Ed. Campinas: Papirus, 2008.

_____; MASETTO T., Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança - Prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 5-21, set/dez. 1999. Disponível em

<http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html>.
Acesso em: 24 jun. 2010.

_____. **Formação Contínua e Obrigatoriedade de Competências na Profissão de Professor.** in *Idéias* Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, Brasil, **Sistemas de Avaliação Educacional**, n° 30, p. 205-248. Disponível em
<http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1998/1998_48.html>.
Acesso em: 24 jun. 2010.

_____. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.**
Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRADO, Maria Elizabett Brisola Brito de. **Integração de tecnologias com as mídias digitais.** Boletim 5 do Salto para o Futuro. Programa 1. Série Integração de tecnologias, linguagens e representações. TV-ESCOLA-SEED-MEC, 2005. Disponível em:
<<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145723IntegracaoTec.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

PROINFO. Programa Nacional de Informática na Educação. Disponível em
<<http://www.proinfo.gov.mec.br>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Caro Professor

A presente pesquisa visa traçar um perfil dos professores das escolas estaduais de São Gonçalo, diante das novas tecnologias inseridas nas escolas e dos cursos que têm sido oferecidos tanto pelos Programas Governamentais como pelo NTE.

O tema da pesquisa é *A integração das mídias na prática pedagógica dos professores das escolas da rede estadual de São Gonçalo, de 2005 a 2010. O que mudou em cinco anos?*

Sua colaboração, respondendo a este questionário será de grande importância, pois esses dados serão utilizados em estudos e reflexões acerca da prática docente de nossos professores.

Quanto mais os professores investirem em sua própria formação, mais benefícios trarão para a educação: uma formação contínua em busca de uma prática reflexiva.

Obrigada,

Cristina M^a Albino Soares

Nome completo (opcional): _____

Função: _____

Escola de atuação: _____

Disciplina: _____

I- Formação do Professor: Ensino Médio Superior

a. Ano que se formou: _____

b. Colégio: _____

c. Universidade: _____

d. Quanto à sua formação acadêmica, possui:

Licenciatura Plena Pós- Graduação Mestrado Doutorado

e. Já realizou algum curso no NTE? Sim Não

Em caso afirmativo, qual (Quais?) _____

f. Fez ou faz algum curso de formação continuada do MEC? Mídias na Educação, Educação Digital ou Tecnologias na Educação: Ensinando e aprendendo com as TIC ou outro? Sim Não

Em caso afirmativo, qual (Quais?) _____

g. Já realizou algum curso a distância? Sim Não

Em caso afirmativo, qual (Quais?) _____

II- Hábitos de uso do computador:

1. Você possui computador?

Sim. Notebook do Estado. Sim. Outro Não possuo

2. Acessa a Internet? Sim Não

a. Em caso afirmativo, qual?

Banda Larga Modem (Notebook do Estado) Discada
 Internet via Rádio Outra _____

b. Em caso afirmativo, de onde?

Casa Escola Em casa e na escola Outro _____

c. Em caso afirmativo, com que frequência?

Diariamente 1 X semana
 2 ou mais vezes por semana 1 X mês

3. Tem e-mail? Sim Não

4. Já utilizou o Laboratório de Informática da escola?

a. Sim Finalidade: Pesquisa individual Preparar aula/prova
 Trabalho com alunos Correio eletrônico
 Outra _____

b. Não. Por quê?

5. Já utilizou algum dos recursos tecnológicos existentes em sua escola?

a. Sim Qual (Quais)? TV Aparelho de DVD Vídeo
 Data Show Computador

DVD da TV Escola ou Salto para o Futuro

Outro _____

b. Não. Por quê?

6. Comentários (opcional):

São Gonçalo, _____ de _____ de 2010.

ANEXO B – ENTREVISTAS

- **Orientador Tecnológico / Professora de Inglês**

1- Qual sua função na escola?

Eu tenho duas matrículas, em uma delas sou OT, Orientadora Tecnológica, e na outra sou professora de Inglês.

2- Você é Orientadora Tecnológica aqui na escola desde quando?

Desde o início do Projeto de OT, em 2006. O projeto terminou com a mudança de governo e depois retornou.

3- De lá pra cá, você fez cursos de educação continuada?

Fiz todos os cursos que foram oferecidos no NTE em caráter obrigatório, exigência da função, Tecnologia em Educação da PUC (Especialização), e outros que agora não lembro. O curso da PUC eu não pude concluir, fiz todas as horas, menos as da monografia porque estava grávida e passava muito mal.

4- Os cursos têm ajudado na sua atuação?

Sim, sempre ajudam, são muitas leituras, eventos, troca de experiências.

5- Há algum que tenha se destacado?

Sim, o curso da PUC, que infelizmente não consegui concluir. Foi um curso muito bom, muito rico.

6- Fale um pouco sobre os recursos tecnológicos existentes na escola.

São vários. No laboratório de informática contamos com 25 computadores funcionando. Temos instalado um data-show, adquirimos este ano um quadro interativo, comprado com verba de um projeto que foi aprovado pela Secretaria Estadual de Educação. No auditório contamos com uma televisão, um data-show instalado, um laptop acoplado a esse aparelho, vídeo cassete, aparelho de som, quadro mural, álbuns seriados e alguns cavaletes.

O professor costuma apanhar com a direção o retroprojeter para usar na sala de aula. Funcionando corretamente só esses.

Aparelhos na sala de aula, o único equipamento que consta é o computador enviado pelo Estado para pauta eletrônica do ConexãoEducação.

7- Há equipamentos nos andares?

Havia armários com TV e aparelhos de som e DVD, mas agora não há mais os armários, pois como não estavam em boas condições, foram desativados. A TV estragou e o vídeo-cassete foi roubado.

8- Quais os aparelhos mais utilizados pelos professores?

Ah! Esquecei de falar do laptop. Temos um laptop para uso dos professores. Este laptop com o data-show móvel é o mais utilizado pelos professores. Em 2º lugar, a TV com DVD. Quando o professor não consegue agendar o auditório para usar estes aparelhos, ele leva para a sala de aula.

9- Você percebe que essa utilização tem aumentado?

Bastante. Vem aumentando a cada ano. Este ano batemos o Record de professores utilizando esses recursos. O uso do laboratório ainda é bem tímido, mas este ano a utilização foi maior. O auditório sempre foi muito disputado, pois quase todos querem utilizar. Tanto para uso da TV com DVD player como pra utilização do data-show para projetar imagens do computador. Utilizam de forma integrada.

10- Você mencionou que a utilização do laboratório é tímida, mas quando acontece é do professor com turma?

Não o uso maior é de alunos no 2º turno para pesquisas, mas tem aumentado o número de professores que levam a turma inteira para lá. Professores que não utilizaram ano passado, este ano já levaram seus alunos. E outros já se comprometeram em levar ano que vem. É esse uso que eu digo que é tímido, porque o uso para pesquisas é intenso há muito tempo. Os professores enviam os alunos para pesquisa, fora do período de aula.

11- Há espaço para a turma toda?

O laboratório é grande, conforme já mencionei, há 25 computadores funcionando, percebo que em relação aos laboratórios de outras escolas estaduais, somos privilegiados.

12- Quando os professores utilizam esses recursos da escola, há algum suporte técnico?

Temos um técnico que fica no laboratório da escola. É uma firma prestadora de serviço que atende ao Estado. Essa firma mantém técnicos nos laboratórios das escolas estaduais. Quando é uma dificuldade técnica, ele resolve. No que diz respeito à orientação pedagógica para a utilização dos recursos, os professores podem contar comigo como Orientadora Tecnológica. Quando não estou na escola, pois de acordo com minha carga horária não estou presente todos os dias, os professores relatam com antecedência o que irão utilizar, ou depois do ocorrido, os problemas encontrados e eu tento orientá-los.

13- Você oferece cursos para os professores da escola?

Sim. Mas percebo que muitos professores procuram o NTE para fazer os cursos e quando é um curso mais específico, eu mesma ofereço ao longo do ano. Um exemplo foi o curso de *Hot Potatoes*. Os professores queriam saber como utilizar a ferramenta. Como a minha carga horária é muito pequena, não posso oferecer curso o ano inteiro, senão eu deixo de dar conta das outras atividades que acontecem na escola.

14- Quando os professores utilizam o laboratório com os alunos, que tipo de trabalho realizam?

A maioria dos professores trabalha algum site da Internet relacionado ao conteúdo que está sendo trabalhado, os alunos navegam na Internet, orientados por eles. Alguns para fazer exercícios *on line*; outros para mostrar vídeos do *youtube*, por exemplo, *linkados* já a algum apresentação, outros ainda, os de Matemática, por exemplo, trabalharam o *software* Geogebra. Esta utilização varia bastante.

15- Você comentou que o uso das mídias e do laboratório vem aumentando gradativamente, a que você atribui esse aumento?

A vários fatores. Hoje em dia é difícil um professor, seja ele de que disciplina for e em que segmento trabalhar, ignorar o uso das mídias, porque o aluno já vem de casa dominando vários aparelhos eletrônicos e o professor, se não acompanhar, não entende o que aluno está falando nem fazendo. O professor pede os trabalhos e os alunos procuram fazer já utilizando as mídias, então o professor tem que ter pelo menos a noção do que está acontecendo; outros por pressão mesmo do ambiente de trabalho. São vários os cursos que o Estado oferece, capacitações que recebemos porque temos que trabalhar com determinados recursos. O caso, por exemplo, do Conexão Educação, tem obrigado alguns professores que não gostam, que se recusam, a ter que usar o computador para lançar as notas e a pauta eletrônica. Então percebo que mesmo aqueles professores que mais demoraram para se preparar para essa mudança, agora estão aos poucos buscando os cursos. Estão fazendo os cursos promovidos pelo NTE e se animando um pouquinho.

16- Do número de professores lotados aqui, que porcentagem você acredita que já faz uso desses recursos?

Ah, não tenho essa noção não. É complicado porque não pego todos os turnos todos os horários. Mas digamos que houve um aumento de 10% do ano passado para este, pelo menos pelo que eu consigo ver. Um outro fator também que acredito que fez com que os professores aos pouquinhos fossem utilizando essas mídias é porque a nossa escola é atípica, é diferente da maioria das outras, nós temos os recursos e o próprio aluno quer utilizar, quando tem que apresentar algum trabalho, por exemplo. Se você pede um trabalho de pesquisa para o aluno, ele não perderá a oportunidade de entregá-lo utilizando os recursos da informática, ao invés de entregar manuscrito, ele vai preferir fazer um *Power Point*, por exemplo, que para ele é comum, ou um vídeo no *Movie Macker*. Então o professor, nem que seja para apanhar esse aparelho para o aluno apresentar o seu trabalho, ele vai ter que apanhar. E como não tem Orientador Tecnológico todos os horários, ele vai ter que aprender a montar esse equipamento. Isso acabou propiciando, a riqueza de material disponível na escola, também a facilidade que todos têm de apanhar e usar esses equipamentos. Não há nenhum cerceamento no uso de material. Em momento algum o professor ouve que não pode utilizar aparelho A, B ou C. A direção deixa livre para que todos possam utilizar todos os materiais. O professor vê o colega utilizando e se anima.

17- E enquanto professora de Língua Inglesa, há algum projeto que você tenha realizado aqui na escola que gostaria de comentar?

Ah, o desse ano (2010). Vou falar do mais recente: Projeto Multidisciplinar **Conhecendo o Rio de Janeiro**. O projeto desse ano em parceria com vários professores de outras disciplinas, que infelizmente fizemos sem verbas porque a aprovação do projeto chegou tarde demais. Mas foi muito bom em todos os sentidos. Foi bem rico, abrangeu várias disciplinas. Nós,

professores do projeto, ficamos mais unidos, nos conhecemos melhor com esse trabalho, pois são poucas as oportunidades no Estado de os professores se reunirem, planejarem, pedagogicamente, exatamente como deveria ser. E porque os alunos viram a importância das mídias, não só hoje na escola, na questão da sua educação, da sua formação como aluno, mas no futuro, porque nós trabalhamos ida a vários pontos importantes do Estado do Rio de Janeiro, depois eles trabalharam isso em sala de aula com seus professores. Cada série teve um roteiro diferente, o primeiro ano, por exemplo, ficou com o centro histórico do Rio de Janeiro, pontos como o Jardim Botânico, etc. As turmas foram divididas em grupos, cada grupo foi a um local diferente, precisavam coletar dados dessas visitas através de relatórios escritos, fotos e vídeos para depois trabalhar esses dados e postar todos os resultados em um *Blog*. Além de trabalhar com fotografia, vídeo, com relatório por escrito, aprender a produzir um *blog*, aqueles alunos que já sabiam como produzir um *blog*, aprenderam a compartilhar com outro autor, aprenderam a fazer um *blog* mais formal, com um outro conteúdo, outra visão. Eles apresentaram agora no final do ano todos os seus trabalhos e ficaram livres para utilizar a mídia que quisessem. Só foi pedido que não utilizassem cartazes de papel. Poderiam utilizar apresentação de slides, vídeos, exposição de fotos, maquetes e o que mais tivessem criatividade para apresentar. Então eles foram desde o primeiro bimestre até o último, motivados a utilizar várias mídias diferentes.

18- A escola toda esteve envolvida neste projeto?

Não, foram sete turmas do 1º turno, por falta da resposta ao projeto a tempo, da falta de verba, aceitaram o desafio do projeto apenas os professores mais corajosos, que conseguiam se articular, que tivessem algum dia da semana em comum.

19- E hoje, como você vê a utilização das mídias aqui na escola? É apenas uma mudança do quadro de giz para um aparato mais novo? É uma substituição?

Para alguns professores só está sofisticando o que já existia, é a mesma metodologia, mesma aula, mesma filosofia. O professor encara a educação da mesma forma, só que agora está usando uma televisão, um DVD, um computador, mas alguns outros professores têm feito uso de muito boa qualidade desse material. Temos professores, por exemplo, que este ano fizeram cursos de cinema, de produção de vídeo e aplicaram imediatamente todo esse conteúdo. Já viam fazendo sem curso. E agora com curso então, segurem as meninas! Elas já estão aplicando, orientando os alunos que fizeram o curso com elas. Esses alunos e elas já estão multiplicando conhecimento para outros alunos. Nesse projeto que trabalhamos, Conhecendo o Rio de Janeiro, como havia uma culminância no final do ano, eles deveriam apresentar o resultado de todas as pesquisas, de tudo o que foi postado, nos *blogs*. Eles tiveram orientações dos professores, os grupos que não sabiam fazer vídeos e queriam fazer, tiveram orientação dessas professoras e dos colegas (alunos). Nós incentivamos bastante para que os grupos que fossem formados fossem solidários entre si. Se o aluno fosse tecnologicamente evoluído, digamos assim, tinha um bom computador em casa, conexão com a Internet, sabia fazer aquilo tudo, mas o resto do grupo não, então ele teria que levar seus colegas para o laboratório em horário diferente, em um contraturno, e explicar para ele, ensinar, pois a responsabilidade seria dele se o colega não souber na hora da apresentação. E se ninguém desse grupo sabia, havia sempre um outro grupo para ajudar. Então todos aqueles que realmente se interessaram, que queriam aprender, tiveram um respaldo ou de um professor ou de um colega do próprio grupo. Tivemos caso, por exemplo, de um aluno ajudar ao grupo de outra turma, eu de repente me dava conta de o laboratório estava cheio de alunos, todos postando nos *blogs*, participando do mesmo projeto. Eram turmas distintas e esse mesmo aluno orientando a todos. Essa parte

foi incrível! Aquele aluno que realmente se interessou, que vinha em seu contraturno utilizar o laboratório, havia sempre alguém para orientá-lo, esse aluno aprendeu.

20- A participação dos alunos foi livre?

Esse ano não dissemos que a participação seria livre. A nota deles foi baseada neste projeto. No segundo bimestre, começamos no segundo bimestre, a participação valia, por exemplo, três pontos, porque era o início do projeto, eles estavam ainda aprendendo a fazer um *blog*, então só foram avaliados na organização do grupo. Aquele grupo que se organizou, se comunicou, que nas aulas no laboratório, produziu o *blog*, fez conforme foi orientado, criou seu e-mail, ou fez uma co-autoria, seu nome apareceu, os textos foram escritos segundo as normas da Língua Portuguesa, foi tudo analisado. E pedimos uma primeira pesquisa antes de eles irem a campo. Demos então uma pequena nota para esse início da organização.

No terceiro bimestre, todos já haviam feito suas visitas, era a hora de postarem seus vídeos, suas fotos e seus relatórios por escrito. Neste relatório tinha que constar onde eles foram e as perguntas específicas de cada grupo. Mesmo que fossem quatro grupos a um mesmo local, cada grupo tinha uma tarefa diferente a observar.

No quarto bimestre, a nota máxima foi cinco, pois seria a culminância de todo o projeto. Eles poderiam fazer um vídeo ou uma apresentação de slide mostrando o resultado do trabalho e contando como foi a experiência.

21- No site da escola há *link* para esses *blogs*?

No *blog* dos professores do projeto há *link* para todos os *blogs* dos alunos. O *blog* dos professores serviu de modelo para o dos alunos. Todos os professores são co-autores, co-administradores no mesmo *blog*. Ainda não deu tempo para colocar no site do colégio¹⁶, pois não consegui atualizá-lo. Mas não tem erro, é www.projetonilo.blogspot.com.

22- E sua turma, o que produziu?

Das sete turmas engajadas no projeto eu tenho seis. Eu, como professora de inglês, acabei doando algumas horas de minha carga horária para a OT. Nas minhas aulas de inglês, levava as turmas algumas vezes para o laboratório naquele início de projeto para ensinar aos grupos que não sabiam como fazer um *blog*. E aqueles que já sabiam, como compartilhar com outros autores. Explicava como é que se fazia a pesquisa na internet.

23- Então como professora você utiliza todos os recursos disponíveis na escola?

Tudo que puder e o que não tem eu ainda gostaria que tivesse. Lutei tanto que consegui um quadro interativo. Faz dois anos que estava nessa peleja. Vai ser comprado agora neste final de ano. A verba já veio, já está até encomendado.

24- Como você vê tudo isso?

Vejo com alegria e preocupação ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que fico feliz porque enquanto professora de Inglês eu tenho mais recursos à minha disposição para melhorar as minhas aulas, para fazer com que minhas aulas sejam mais agradáveis para o aluno e mais

¹⁶ <http://www.cenilopecanha.com.br>

eficazes, fico preocupada enquanto Orientadora Tecnológica porque e não vejo nos colegas, o mesmo carinho e cuidado que eu tenho com todos os equipamentos, porque eu sei o trabalho que dá para conseguir, eu lembro-me qual era a dificuldade antes de tê-los. Alguns a escola recebeu do Governo Federal ou Estadual, outros a escola, com muita economia, conseguiu adquirir. Então eu vejo, com muita preocupação, o uso que alguns professores fazem desses aparatos que não conservam, não mantêm. Nós tínhamos mais computadores no laboratório funcionando, nós tínhamos mais aparelhos de DVD, mais aparelhos de TV [...]. Tínhamos mais equipamentos do que temos hoje em perfeito estado. Hoje o que existe está em um estado mais ou menos, não muito bom e muita coisa já não dá mais para utilizada. É claro que muitos desses materiais ficam obsoletos, é normal. A tecnologia avança muito rapidamente, mas é um obsoleto que dá para ser utilizado. A partir do momento que você estraga a ponto de ele ficar tão precário que você não consiga mais usar, aí é complicado. Então eu como Orientadora Tecnológica, tenho muita preocupação e fico às vezes até muito triste porque quando vou procurar para utilizar em sala de aula, o aparelho já não está em boas condições, ou já sumiu, ou não funciona, e aí eu me prejudico dos dois lados. Nem eu posso ajudar o professor que quer usar e nem eu posso usar como professora de sala de aula.

- **Professora de Sociologia**

1. Qual (quais) disciplina (s) leciona na escola e com quais turmas?

Leciono, neste momento, com Filosofia, mais divido também com Sociologia e Espanhol. Gostaria mesmo de trabalhar com Espanhol, porque é muito mais fácil, tranquilo, pois Sociologia e Filosofia exigem leitura, uma coisa que nosso aluno não tem prática de fazer e nem quer ser inserido nesta prática e Espanhol eu trabalho mais com o lúdico, com a dança, com a música, com as gírias, fazendo o contraponto com a Língua Portuguesa porque eu não estou interessada em alfabetizar em Espanhol. Estou interessada em mostrar a Língua Espanhola a partir da Língua Portuguesa.

2. Já realizou ou pretende realizar algum curso voltado para a Informática na Educação?

Não, informática é uma coisa muito difícil para mim. Acho difícil, complicada [...] eu tento usar. Estou sempre pedindo ajuda aos meus colegas do NTE, aos colegas do Laboratório de Informática, aos meus alunos [...] e aí eu penso que sei muito menos que eles, mais aí descubro que sei muito mais, porque tem coisas na Internet que eles usam e eu não sei usar e coisas que eu pensava que eles dominavam e eles não dominam. Quando vou pedir ajuda, eles dizem pra mim “Ah, isso eu não sei fazer não.” “Como é que eu faço para recortar aqui isso e jogar ali e mandar para lá?” “Ah, não, isso eu não sei fazer não.” “Eu só sei conversar.” “Como faço para conversar, como faço para encontrar [...]” Aí eu pergunto: E eu quero encontrar esse elemento aqui de pesquisa. “Ah, isso eu não sei”. Poxa! Mas você que brinca com isso não sabe! Pensei que você pudesse me ajudar. Então quando eu uso informática com eles, por exemplo, eu descubro coisas que eu penso que eles sabem, por serem jovens, e as coisas que eu percebo que sei muito pouco, noto que sei um pouquinho mais que eles, mas acho um trabalho complicado, apesar de não abrir mão de trabalhar com estes meios de informação e comunicação, porque é uma coisa que os alunos usam, mesmo que não dominem plenamente, mas usam e aí a gente aprende a trabalhar de uma outra maneira e eles ficam fascinados. Por exemplo, o último curta metragem que eles fizeram, eles disseram pra

mim: “Ah, eu não quero fazer porque eu não sei.” Mas eu sei fazer. Eu pensei que você soubesse mais que eu [...] então eu vou ensinar o que eu sei. E ensinando o que eu sei, eles foram caminhando, mergulhando e encontrando. E aí, depois que concluíram o trabalho, eu mostrei alguns dos e-mails que recebo da Petrobrás, focando este tipo de produção e mostrando que a Petrobrás dá um dinheirinho legal para quem faz e aí eles ficaram interessados em produzir. Eles descobriram uma outra maneira e uma maneira produtiva. Até produtiva financeiramente de se usar a Internet, de se usar o computador.

3. Eles estão fazendo este tipo de trabalho?

Sim, estão. Estão caminhando. Outro dia um aluno me disse: “Olha, a Petrobrás abriu um concurso mais quer que faça o curta metragem em um minuto.” Eu sempre trabalho com 10 minutos. O que eles acham difícil. Um minuto é bem mais desafiador. E tem aluno pegando este trabalho de um minuto para fazer. O que é bastante interessante. Um dos alunos já está sendo convidado para no dia 10 receber uma premiação no cine Odeon. E com isso a autoestima deles melhora bastante.

4. Como é trabalhar com este novo recurso?

Trabalhar com este novo recurso não desassocia da leitura porque este último curta metragem que eu pedi que eles fizessem, eles tiveram que ler. Como sei que eles têm preguiça de ler, não têm ainda o fascínio pela leitura, não consegui seduzi-los pelo texto. Levei para a sala de aula duas folhinhas. Coisa que muitos não leram. E as letras não eram pequenininhas não, eram letras grandes. Porque também tem isso, o tamanho da letra influi. E depois disso fomos para a Biblioteca Nacional, para o arquivo. Desse grupo todo, só três alunos resolveram fazer o trabalho. E hoje, (26/11/2010) recebemos a visita de dois pesquisadores de História que queriam saber deles como foi este caminho de reconstruir esta historia com esta perspectiva de fazer para o cinema. Eles ficaram preocupados. *Não, não, mas eu não usei uma câmera, eu usei o computador.* Eles tiveram que explicar como foi fazer, como eles chegaram ao texto, como chegaram às fotos, como jogaram para ao computador e como eles montaram. Percebemos o ego mais cheio, mais pleno. *É a minha voz, é a minha vez, é o meu trabalho.* Pena que apenas três alunos concluíram o trabalho! O desestímulo pode ter sido causado pelo fato de o trabalho não ter sido para nota. Não havia um valor para ser colocado no diário. Até ir ao Rio de Janeiro para pesquisar, para depois jogar na Internet, eles foram. E chegando à Biblioteca Nacional, tiveram que manusear uma máquina que não conheciam: a máquina que roda os fotofilmes. São filmes de jornais, de periódicos, do final do século XVII e do séc. XVIII. Eles tinham que pegar aqueles fitos filmes e colocar em uma máquina à base de manivela, que não conheciam, mas precisavam saber rodar para não perder a página que interessava, porque dentro daqueles fitos filmes existiam vários jornais, por exemplo, de 1789, todos estão ali, então eles tinham que saber usar a máquina para buscar exatamente o que pretendem. Foi uma experiência ímpar para eles. E saíram de lá conscientes de que fizeram algo muito importante: *é o meu trabalho, é o meu texto, é a minha forma de ver, é a minha verdade.* Isso reflete um “eu” diferenciado.

5. Houve algum incentivo para esse trabalho?

Não, não houve incentivo de início. Eu disse pra eles que tínhamos uma comemoração e esse trabalho foi a Revolta da Chibata. Falei pra eles que seriam 100 anos da revolta e que seria interessante construirmos um material para refletir sobre essa revolta, porque a escola faz essa abordagem no dia 20 de novembro, na questão da Consciência Negra. Eu queria trazer esse

filme para a escola para que os alunos pensassem a partir dos discursos dos próprios colegas, foi isso que falei para eles. E a partir do filme, a proposta de elaborar o curta.

6. Esse trabalho foi elaborado com que turmas?

Ofereci para as turmas do 1º ao 3º ano. Quem produziu foram alunos do 2º ano. Uma equipe com três alunos. Mas havia equipe de doze, equipe de seis alunos, equipe de quatro alunos, porque avisei que era um trabalho que poderiam fazer do jeito deles. Não valeria nota para o diário. Eles poderiam formar equipes de alunos de outras turmas. Poderia ser um aluno do 1º ano, junto com aluno do 2º ou do 3º ano. Necessariamente não precisaria ser da mesma turma. Eles sentiram-se livres para escolher a equipe. Mas sentiram-se tão livres, tão livres que não foram até o final. Só uma equipe produziu.

7. Algum trabalho que tenha gostado bastante?

Ah! A Guernica Gonçalves foi interessante. Nós recebemos o convite para fazer um curso de uma semana no horário integral. Era do projeto Cinema para todos. Tínhamos que levar alunos, e dois professores deveriam acompanhá-los. Fomos eu e outra colega. Convidamos todos os alunos, mas como nossos alunos não estão habituados a ficar na escola tempo integral, quando dissemos para eles que iríamos para um outro prédio e que ficaríamos em horário integral, muitos não quiseram. Somente cinco alunos se interessaram. Levamos então esses alunos para o outro prédio e eles fizeram o curso em horário integral. A proposta era, ao final, montar um filme, um curta, e nós estávamos saindo daquelas chuvas de abril, daquele problema de enchente no município, então eles resolveram trabalhar esse tema. Escolheram um lugar bastante afetado, no caso, o bairro das Palmeiras e foram pra lá fotografar, entrevistar as pessoas e depois trouxeram esse material para sala.

Nós estávamos usando filmadora e computador. Eles jogaram as imagens para o computador. Utilizaram o laboratório da escola. Observaram e analisaram as imagens e a partir daí construíram um pequeno texto. Escolheram uma trilha sonora de acordo com o que eles estavam empregando e como quem acompanhava eram professoras de Filosofia e Educação Artística, pedimos que o filme fosse mostrado a partir desses dois olhares. Eles tentaram então comparar aquela situação e catástrofe, com o quadro “Guernica” de Pablo Picasso. A questão da Filosofia foi o texto escrito por eles, como eles analisavam aquela situação. Eles utilizaram também o quadro “O Grito”, obra de Edvard Munch. Usaram duas obras.

Discuti com eles sobre o fato de a Guernica na Espanha ser diferente daquela que eles estavam chamando de Guernica Gonçalves, porque na Espanha foi toda uma imposição do humano. Um sujeito querendo se sobrepor a outras pessoas e aqui não, aqui foi um fenômeno da natureza, que não podemos controlar, ou se pode controlar [...] Mas foi bem diferente. Eles disseram que não, não era essa a questão que queriam abordar, mas a questão do sofrimento, do drama, de como as pessoas ficaram sensibilizadas. A partir daí então, o título de “Guernica Gonçalves”. Trabalharam com o computador jogando as imagens, cortando música, selecionando [...] e concluíram o trabalho. Trabalharam sozinhos, com orientação da equipe do projeto.

8. Mas você já utilizou algum outro recurso tecnológico da escola com os alunos?

Sim, já utilizei e utilizo bastante o data-show, a TV, eles trazem muitos CD para a escola, para fazermos os trabalhos, para comparar as músicas, para selecionar. Algumas músicas eles vão para o computador, para a Internet para pesquisar, porque os alunos alegam que a localização é bem mais rápida, mas quando não encontram utilizam o aparelho de som. Outra coisa que

fazemos que é bastante prática é a questão do cinema, da produção já pronta. E uma coisa que temos observado é que quando o aluno está produzindo seu trabalho, em forma de curta-metragem, está filmando ou até fotografando, tem uns que não querem trabalhar assim, eles querem utilizar a máquina fotográfica, querem trabalhar com fotografia. O interessante é que sempre observam o entorno. Eles vão para o cinema e agora estão vendo a plástica do cinema, o que o cinema está sendo mostrado por detrás do personagem. É a paisagem, é a geografia, é a característica física, é maneira de falar, é o vocabulário. Quando começam a pensar em fotografar para fazer o filme no computador eles querem tentar situar tudo que foi observado. Eles ficam procurando: *Não aqui não vai ser legal, Olha, aquele pedaço dali vai acrescentar ao filme*. Quando levamos esses alunos para assistir a uma produção feita por profissionais, eles estão aprendendo a ter um outro olhar. E a ver a obra de arte de uma maneira mais ampla, tentam levar para o trabalho deles, o que é muito interessante. É assim que temos trabalhado.

9. Como foi para você esse trabalho de utilização das os seus alunos?

Foi um ganho. Pois vejo uma auto-estima muito boa no aluno. Porque no meu trabalho em sala de aula eu não trabalho auto-estima, eu vou para a sala de aula e apresento meu conteúdo. Se ele discutiu ou não, se gostou ou não tem uma prova de avaliação, aquele sistema tradicional de ensino. Então a minha prática pedagógica não me permite ver se o aluno está se sentindo bem com o conhecimento, se ele é capaz de produzir. Porque geralmente observamos que o aluno é capaz de reproduzir aquilo que passamos para ele, não de produzir, não de ser uma pessoa criativa. Uma pessoa capaz de pensar e criar. Vemos que ele é capaz de reproduzir, de copiar e copiar com correção. Ele não tem espaço para criar. Mesmo quando passamos um trabalho para eles, na maioria das vezes, ele não apresenta um trabalho criativo. Se observarmos, por exemplo, nas paredes da escola veremos um *show* de cartolina com babadinhos de papel crepom e com textos escritos de forma errada, e aquele texto é copiado. Aí vejo que não existe avanço nenhum. Na medida em que propomos algo diferente, além de ter a possibilidade de criar eu tenho a possibilidade de corrigir como é que ele está pensando. Como é que ele está se colocando como agente da própria formação. Mas há aqueles que não conseguem perceber isso como um valor, aí deixam de fazer o trabalho ou fazem sem compromisso. É um ganho, estamos caminhando [...].

10. Você gostaria de deixar algum comentário?

Bem, o comentário é que muitos alunos não têm, mas partimos do pressuposto que todos têm e todos dominam. Partimos da idéia que todos os alunos têm computadores e sabem utilizar, não é verdade. Nem todos têm e os que têm, não dominam tudo. Eles sabem alguma coisa. Agora existe uma coisa muito boa em tudo isso, quem sabe um pouco, acrescenta no outro, vai somando vai trazendo. Existe um trabalho em equipe. Isso é interessante, porque um vai aprendendo com o outro.

• Professor de Geografia

1. Qual (quais) disciplina (s) leciona na escola e com quais turmas?

Vai fazer 20 anos em março de 2011 que leciono Geografia na escola. Este ano estou com turmas do 1º. 2º e do 3º ano, no 2º e 3º turnos.

2. Utiliza ou já utilizou os recursos tecnológicos da escola? Fez algum curso na área de Informática Educativa?

Sim, eu fiz vários cursos no NTE de Niterói, porque na época ainda não tínhamos um NTE aqui em São Gonçalo. Tudo que aprendi de informática aprendi lá no NTE e fiz depois o curso de Informática Educativa, Pós-Graduação – Informática Aplicada à Educação. O meu objetivo na época era trabalhar no NTE que estava sendo implantado em São Gonçalo. Em função disso procurei um curso de Informática Educativa, fiz a Pós e trabalhei durante 4 anos aqui no NTE de São Gonçalo e hoje, 2010, voltei para regente de turma.

3. Fez algum curso de Tecnologia a distância?

Envolvendo tecnologias, fiz o das TIC, que é um curso do MEC, e Mídias na Educação, que acabei abandonando. Tive que abandonar em função de horário, pois na época era tutor de um outro curso que aconteceu paralelo com o Mídias. Envolveu muito tempo e com isso acabei não levando o curso até o fim.

4. Você se lembra em que ano a escola recebeu o laboratório de informática?

O nosso laboratório chegou em 98, mas foi inaugurado em 99, na época só podiam usar o laboratório os professores capacitados pelo NTE e era muito difícil de fazer, pois na época a direção não nos informava dos cursos, só depois é que descobrimos. A partir daí então foi um grupo daqui para o NTE de Niterói e começou a incrementar o laboratório. O primeiro trabalho que fizemos com os alunos utilizando o laboratório foi o projeto **Desvendando São Gonçalo** era um grupo de três professores com turmas do 3º ano. Foram selecionados alguns bairros do município e cada grupo ficou responsável por pesquisar um bairro. Era uma pesquisa de campo onde teriam que buscar aspectos diversos dos bairros, tanto políticos econômicos como social, incluindo fotos e entrevistas. Utilizamos o laboratório diversas vezes, tanto para a pesquisa na Internet, que na época era a discada, quanto para digitalizar fotos e redigir os textos e mais à frente para fazer os gráficos. Participaram do projeto, além de mim, como professor de Geografia, a professor de Língua Portuguesa e a de Educação Artística. Fizemos um trabalho conjunto.

5. Em que ano?

Foi em 2000. Foi a partir dessa época que passamos a utilizar o laboratório. Até porque nessa época pouquíssimos professores utilizavam, o laboratório ficava fechado e tínhamos até dificuldade de encontrar a chave na escola, mas começamos a “forçar a barra” para abrir o laboratório. Os professores que já tinham feito os cursos queriam utilizar as máquinas.

6. E de lá para cá, como você vê a utilização do laboratório?

Já mudou bastante. Tivemos mais professores fazendo as capacitações e também a mudança da própria política de só poder utilizar quem tivesse feito os cursos no NTE, deixou de existir, hoje qualquer professor que queira utilizar, conheça e sinta-se à vontade com as máquinas pode fazê-lo, sem ter que ter passado pelo NTE. Existe uma dinâmica bem maior. Antes também o laboratório contava apenas com 10 máquinas, o espaço era bem pequeno, hoje contamos com um espaço bem maior e o número de máquinas também aumentou. Contamos com 20 ou 25 máquinas, não me recordo no momento. Dá para levamos a turma toda. Temos

um total de, aproximadamente, 35 alunos por turma e como o espaço é bom, dá para termos a turma toda presente dentro do laboratório.

7. Você comentou que ficou mais livre a utilização do laboratório pelos professores, como você vê isso, os professores estão preparados?

Olha, temos um bom grupo que está sim, mas por outro lado temos alguns professores que não estão preparados e não irão se preparar porque não querem. Que ainda não entendem os computadores como ferramentas, como continuação de suas aulas, ainda têm aquela visão de que tem que dar o conteúdo e que utilizar o laboratório não é aula, é uma atividade extra. Ainda temos um grupo de professores que pensam dessa forma, não querem e não vão utilizar. Por mais que se estimule, porque aqui na escola, por exemplo, temos o NTE, com vários cursos sendo oferecidos e além disso a nossa Orientadora Tecnológica é bastante atuante e está sempre oferecendo cursos, mas a participação dessa grupo é muito pouca, mas por outro lado temos professores que estão constantemente utilizando o laboratório.

8. Há estímulo por conta da escola para que utilize o laboratório?

Sim, por parte da OT que está o tempo inteiro mostrando como funciona e tentando estimular, não só estimular, mas também fornecer subsídios para que o professor se prepare; mostrar a esses professores como podem utilizar os computadores como ferramenta pedagógica. Existe muito apoio. Na sala dos professores, há sempre avisos de cursos que estão sendo oferecidos e pedindo a disponibilidade de horário dos professores para que ela possa se adequar e atender a todos. Então, se não utilizam mais, é realmente porque não querem.

9. E além do laboratório, você utiliza outros recursos tecnológicos da escola?

Ah! Utilizo muito, às vezes mais até que o laboratório. O data-show, por exemplo, estou sempre utilizando. Na escola temos dois, um é fixo no auditório e o outro fica livre para ser utilizado em sala de aula. Quando só tínhamos um, ficava mais difícil porque tínhamos que agendar o auditório e a disputa era grande, pelo menos no dia que eu trabalho há uma outra professora que também utiliza bastante. Mas hoje com este móvel, ficou bem mais tranquilo. Geralmente para mim é alguma apresentação ou um vídeo curto que dá para utilizar o computador. O DVD também utilizo, mas é mais pontual em determinados conteúdos.

10. Esse DVD a que se refere é o da TV Escola?

Não, são DVD específicos de Geografia. Por exemplo, no 2º ano partimos da Industrialização então posso aproveitar Tempos Modernos de Charles Chaplin. A primeira meia hora do filme eu sempre trabalho com eles, não dá para trabalhar o filme todo naquele momento, mas a primeira meia hora, que mostra a questão da produção em série, da fábrica em si, da alienação do trabalho, que é muito interessante dentro daquele quadro da disciplina. Há outros filmes que também utilizamos: Ilha das Flores, com a questão do capitalismo; filmes ligados à questão da terra, como Terra para Rose; com a questão agrária, como O sonho de Rose e vários outros DVD. Utilizamos trechos do filme, não utilizamos o filme inteiro porque às vezes não é necessário ou também entra a questão do tempo das aulas, que são sempre mais curtos que os filmes.

11. E o objetivo, é sempre sensibilizar?

Sensibilizar e discutir determinadas questões. Por exemplo, Terra para Rose é um filme que mostra a questão da ocupação da terra, da necessidade da Reforma Agrária, um filme que leva à reflexão, à discussão, um aprofundamento do conteúdo que discutimos em sala de aula.

12. E a questão da integração das mídias? Você costuma trabalhar assim?

Sim, procuramos utilizar tudo o que dá para utilizar. O problema às vezes é a questão do espaço, o auditório nem sempre está disponível, então quando conseguimos trabalhar [...] Por exemplo, agora mesmo os alunos do 3º ano fizeram umas pesquisas no laboratório, produziram material e a culminância foi uma apresentação no auditório. Utilizaram *data-show* para as apresentações no *Power Point* e para os filmes no *Movie Maker*. Eles mesmos prepararam e apresentaram. Os trabalhos estavam bastante criativos.

13. Há algum trabalho que você queira destacar, algum trabalho que envolva a integração das mídias?

Sempre procuro trabalhar assim, desde da música até filmes temos experimentado aqui na escola. Temos por exemplo o Projeto de Geografia, o Geofestival, que produzimos todos os anos desde 2000. Neste projeto trabalhamos paródias, produção de músicas, pesquisas. É um trabalho onde os alunos têm que cantar, têm que produzir, têm que usar instrumentos. E de outro lado também já fizemos um documentário sobre a escola quando completou 90 anos. **Quem fez?** Os alunos, minha turma, foi o projeto de uma das turmas. Na época, para comemorar o aniversário da escola, eu discuti com as turmas e cada turma fez um trabalho diferente. Uma turma optou pela produção de um documentário. Articulamos então a presença de alguns ex-professores da escola. Os alunos discutiram o roteiro, dividiram-se em equipes, um grupo realizou as entrevistas com os professores, outro ficou responsável pela filmagem. Foi tudo produção deles. **E vocês têm uma cópia deste trabalho?** Sim, aqui mesmo na escola temos uma cópia, é um filme mesmo, de uma hora e meia de produção. Inclusive na ocasião do lançamento do Projeto dos *Laptops*, quando o governador esteve aqui, a direção da escola deu uma cópia deste filme à Secretária da Educação na época. O trabalho contém, além de entrevistas com ex-professores, entrevistas com ex-diretores e ex-alunos, uma espécie de documento para falar das mudanças na escola, da evolução dela, em comemoração de seus 90 anos.

Estamos fazendo tudo quanto é tipo de trabalho que pode ser realizado e que a turma também queira realizar. Não adianta apenas o professor querer e o aluno não assumir como projeto dele.

14. De 2005 para cá, vários cursos têm sido oferecidos para os professores, tanto do MEC, quanto do próprio NTE. Como você vê isso? Auxiliou o professor em sua prática, não surtiu efeito, o que você acha?

Olha, ajudou bastante. Obviamente que não são todos os professores, mas temos um grupo grande se movimentando neste sentido. Até mesmo pelo recebimento do *laptop*. Tivemos professores que até então nunca tinham tido contato com o computador e ao recebê-lo procuraram algum curso, mas temos também muitos que até agora nem abriram, mas a grande maioria correu atrás.

Temos visto professores utilizando o laboratório, coisa que até bem pouco tempo não faziam, fazendo projetos diferentes. À medida que vão descobrindo que já é uma possibilidade, o pessoal gosta de fazer. É específico do laboratório, porque a questão do vídeo, por exemplo, muitos professores utilizam. E hoje também a questão de utilizar o *data-show* com o *laptop*

para apresentação de trabalhos tem acontecido bastante em função da própria produção dos alunos. O professor propõe um trabalho e o aluno acaba produzindo nessas mídias, o que leva o professor a buscar para poder utilizar. Este final de ano, por exemplo, foram muito disputados aqui na escola o *data-show* e o *laptop* para apresentação de trabalho de aluno.

- **Professora de Língua Portuguesa**

1. A quanto tempo trabalho no Nilo e hoje, com que disciplina (s) e com quais turmas?

Trabalho no Colégio Estadual Nilo Peçanha desde 1985. Bastante tempo. Hoje leciono Língua Portuguesa e Literatura para turmas de 2º e 3º anos.

2. Já realizou algum curso relacionado à Informática Educativa?

Já realizei vários cursos no NTE e fora deste. Curso de Especialização a distância na PUC com dois encontros presenciais e outros encontros a distância. Já realizei também um curso Intel, voltados para a formação do professor, além de outros.

3. E o curso da PUC, Informática na Educação, contribuiu para sua prática?

Foi um curso muito bom. No início fiquei um pouco assustada porque o nível de exigência foi bem alto, mas considero que dentre os cursos que já fiz, foi o melhor. Muito organizado, em termos de cobrança, em termos de nível, da própria qualificação. Foi muito bom e abriu muito a minha mente. Foi muito material, e material de alta qualidade. Ao organizar projetos aqui na escola, com os alunos, este curso proporcionou-me novas formas de agir e pensar. Eu aproveitei muito.

4. Então tudo o que você aprendeu vem utilizando em sua prática pedagógica?

Sim, utilizo bastante, pois costumo levar minhas turmas, principalmente as de 3º ano, para o laboratório de informática da escola e, ao planejar minhas aulas, sempre revejo o que aprendi, o que tenho de material em casa. Procuo aplicar este material no planejamento de minhas aulas, de acordo com o que eu quero e o que eu esteja desenvolvendo em sala de aula, eu sempre procuro planejar, criar uma atividade que seja interessante, sempre usando as mídias.

5. E em relação aos recursos tecnológicos da escola, o que você utiliza?

Utilizo os computadores do laboratório, às vezes utilizo o auditório, principalmente no período do ano em que desenvolvo o Projeto de Língua Portuguesa, então utilizo o *data-show*, o computador, televisão, vídeo, etc.

6. Que tipo de projeto você desenvolve no laboratório com os alunos?

No laboratório, trabalho *Blog* de turma. Todos os anos, sob minha orientação, cada turma cria o seu o *Blog*, que é mantido pela própria turma durante todo o ano. Há um período do ano que trabalho especificamente para desenvolver o projeto do ano letivo e busco, com os alunos, sites que estejam relacionados ao assunto ministrado em sala de aula. Procuo desenvolver os trabalhos sempre no laboratório de informática.

7. E o *Blog* da turma, eles desenvolvem sozinhos?

Eu não mexo no *Blog*. Quem cuida e mantém é a própria turma. No início, deixo isso bem claro. Eu tenho o meu *Blog*, que disponibilizo para que deem sempre uma olhadinha, mas o *Blog* da turma é da turma. Eles que mexem, eles que inserem algum conteúdo, retiram algum comentário. Eles é que são os responsáveis. Eu faço o monitoramento e sempre converso com eles. Faço comentários e dou sugestões.

8. Você falou desse projeto anual, é só para professores de Língua Portuguesa ou há uma integração das disciplinas?

Bom, o projeto do ano que envolve a parte de linguagem, geralmente eu trabalho em parceria com alguns professores da mesma disciplina ou afins, agora o trabalho que faço semanalmente ou por quinzena, somos apenas eu e minhas turmas no laboratório de informática.

9. E em relação ao trabalho com os *Blogs*, você acha que facilita, ajuda na questão da aprendizagem?

Sim, porque há muitos alunos que veem com uma certa timidez e quando se deparam com o *Blog* sentem que há um espaço novo onde podem criar, lançar suas ideias, textos, o que quiserem, sentem-se mais motivados. De início, parecem desinteressados, mas com o decorrer do tempo, eles passam a se interessar e sinto que o rendimento melhora.

10. E esse tipo de trabalho, só foi possível com os cursos realizados?

Ah, sim, apesar de já ter o conhecimento na área de informática, pois já havia adquirido antes, cada curso que você faz, dá uma segurança maior. A mente abre mais, você se sente mais capaz, então você ousa criar, avançar mais um pouco. Acho que isso contribui muito.

11. De todos os trabalhos realizados por você com seus alunos, há algum que queira destacar?

Olha, eu gosto muito do trabalho que desenvolvo de Língua Portuguesa, que envolve outros professores da área de linguagem, porque é o maior número de alunos e de professores é um grupo maior, é uma opinião daqui, uma opinião dali, uma divergência aqui, outra ali e com isso você vai crescendo e modificando seu planejamento inicial. Apesar de sempre encontrarmos alguma dificuldade, mas isso aparece em todo projeto, eu gosto muito desses projetos anuais da área de linguagem, especialmente, o que fizemos de Carlos Drummond de Andrade, que foi um marco. O de Tom Jobim também foi muito interessante, pois os alunos que não tinham conhecimento da obra do compositor, se envolveram e se apaixonaram pelo personagem, pela pessoa do Tom Jobim.

12. Você utilizou os recursos tecnológicos nestes Projetos?

Muito, muita coisa. Foram projetos bem ricos, envolveram várias mídias, houve muita interação entre nós, professores, e alunos para que se chegasse ao trabalho final. Foi bem envolvente. A culminância do Projeto Drummond foi uma apresentação de suas poesias e músicas com dramatizações e coreografias criadas pelos próprios alunos; o de Tom Jobim foi

uma semana de apresentações, as turmas se dividiram em equipes e apresentaram os trabalhos realizados. Envolveu música, teatro, coreografia, paródias, muita coisa.

13. E onde podemos visualizar estes trabalhos?

Todos os trabalhos encontram-se no site da nossa escola: <http://www.cenilopecanha.com.br>

14. Algum comentário que gostaria de fazer?

Acho muito gratificante o professor ter contato com esses cursos, com essas mídias que servem muito para dinamizar nossas aulas, é como já mencionei, o professor se sente mais seguro, ele não fica em um canto encolhido, ele ousa e com isso ele consegue passar essa ousadia para seus alunos. Ele passa a sentir que há um espaço novo, maior, em que ele pode criar e colocar suas ideias. Acho isso bastante interessante.

15. E como você vê essa questão da utilização das mídias em sua escola? Os professores estão utilizando mais? Você vê mudanças? A atuação do professor está mudando?

Olha, aos pouquinhos, aos pouquinhos, mas eu vejo sim, uma modificação. No início assustou. As mídias chegaram à escola, a maioria os professores mantiveram-se neutros, mas já houve uma modificação, hoje os professores estão participando mais, há sempre aqueles que receiam, que se negam, mas está caminhando.

• Diretora

1. Desde de que ano está no Colégio Estadual Nilo Peçanha?

Vim para cá em 1989. Saí em 1992 para direção adjunta de uma outra escola e retornei em 1996.

2. Desde que ano está na direção daqui?

Direção geral desde janeiro de 2005.

3. Os computadores chegaram ao Nilo em 98 e em 99 o laboratório foi inaugurado. Como era a utilização do laboratório, pelos professores, nessa época?

O laboratório não era utilizado. Sabe em que ano começou a ser utilizado? Em 2000 por um grupo de quatro professores que faziam os projetos e trabalhavam com a turma no laboratório. Em 2001, elaboraram o Projeto Desvendando São Gonçalo. Dessa data até 2004 a utilização ainda era bem tímida. Em 2005, o NTE foi implantado em São Gonçalo e o Nilo passou a ser a sede deste núcleo, mas neste mesmo ano, em abril, os computadores do laboratório foram roubados, levaram também impressoras, scanner, etc. Mas acredito que nesse mesmo ano, no segundo semestre, conseguimos a reposição. Não tenho certeza da data.

4. É possível fazer um paralelo com ontem e hoje? De 2005 para 2010. Como se deu esta utilização e de que maneira? E o espaço? Era o mesmo de hoje? Em relação a número e qualidade.

De 2006 para cá muitos computadores chegaram. Nós tínhamos 10 e hoje temos 24 ou 25. A utilização em números foi aumentando consideravelmente. Diríamos que está de 40 a 50%. O espaço aumentou, e podemos dizer que foi em função desta utilização tanto pelos professores quanto pelos alunos. Os alunos precisavam do laboratório para efetuar as pesquisas pedidas pelos professores.

5. O trabalho que os professores vêm desempenhando com os alunos, utilizando não só o laboratório, mas também os demais recursos oferecidos pela escola. Como você vê?

Isso cresceu muito, os alunos se desenvolveram bastante. Posso até citar o trabalho de alguns professores, não vou citar os nomes, conforme você pediu. Os que mais se sobressaem com seus trabalhos utilizando as mídias são os professores de Geografia, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Sociologia e Educação Artística. Diante desses trabalhos, o aluno passa a se interessar mais pela disciplina. Você entra no laboratório durante essas aulas e não parecem alunos, eles ficam fissurados, têm muito interesse. Acredito e percebo que ajudou bastante o desenvolvimento desses alunos.

6. E em relação aos projetos?

Os projetos aqui são mais desenvolvidos por disciplinas, as mais envolvidas são Língua Portuguesa. Língua Inglesa e Geografia são geralmente projetos mais isolados. Há também projetos de História. Os projetos desenvolvidos pelos professores de Filosofia, Sociologia e Artes também são ótimos, eles trabalham de forma integrada. Um desses trabalhos foi a produção de um curta metragem pelos alunos. Muito bom o trabalho!

7. Gostaria de fazer algum comentário?

Olha, temos um técnico presente todos os dias no laboratório, é de uma firma Prestadora de Serviços, presta serviços ao Estado. Isso é ótimo, mas sinto que ainda falta muito do Estado para a Escola. Um exemplo disso foi o projeto de construção de mais um espaço maior para o Núcleo de Tecnologia, que atende não só a escola, mas todo o município de São Gonçalo e a Secretaria Estadual de Educação não permitiu. E olha que era com recursos próprios, não era com verba do Estado. Falta então este apoio da Secretaria. E acabamos ficando tão sobrecarregados com tantas coisas que temos que tomar providências, que deixamos de lado alguns detalhes em relação à utilização dos recursos que poderíamos incentivar. Agora existe também a utilização do laboratório que não é com o professor, é a pesquisa. Isso acontece muito. Há professor que não vai com os alunos ao laboratório, mas ele solicita a pesquisa. Há sempre alunos no laboratório seja com o professor ou sem ele. Estes alunos nunca estão sozinhos, há como já mencionei, o técnico sempre presente e a Orientadora Tecnológica para auxiliá-los.